

Paulo Coelho

*Histórias para
os pais,
filhos, e netos*

Volume 2

2008

Paulo Coelho's website address is

www.paulocoelho.com

Paulo Coelho's blog address is

www.paulocoelhoblog.com

Copyright © Paulo Coelho 2005

The right of Paulo Coelho to be identified as the moral rights author of this work has been asserted by him in accordance with the Copyright Amendment (Moral Rights) Act 2000 (Cth).

ISBN 978-0-557-01367-8

Published by Lulu

[prefácio]

[falar da minha infância

explica importância do conto, origem dos textos

alguns textos inéditos, outros publicados

termina com história sobre importância da história]

*Aquele que entre vós for o menor de todos,
esse é que é o grande
Lucas, 9-48*

Mestre e discípulo enfrentam o rio

Um discípulo tinha tanta fé nos poderes guru Sanjai, que chamou-o certa vez à beira do rio.

- Mestre, tudo que aprendi com o senhor fez com que minha vida mudasse. Fui capaz de reatar meu casamento, acertar-me nos negócios de minha família, e fazer caridade com todos na vizinhança. Tudo que eu pedi em seu nome, com fé, eu consegui.

Sanjai olhou para o discípulo, e seu coração encheu-se de orgulho.

O discípulo aproximou-se da margem do rio:

- Minha fé em seus ensinamentos e em sua divindade é tanta, que basta pronunciar seu nome e conseguirei caminhar sobre as águas.

Antes que o mestre pudesse dizer alguma coisa, o discípulo entrou no rio, gritando:

- Louvado seja Sanjai! Louvado seja Sanjai!

Deu o primeiro passo.

E outro.

E um terceiro. Seu corpo começou a levitar, e o rapaz conseguiu chegar ao outro lado do rio sem sequer molhar os pés.

Sanjai olhou surpreso para o discípulo, que acenava da margem, com um sorriso nos lábios.

“ Quer dizer que sou muito mais iluminado do que penso? Eu poderei ter o mosteiro mais famoso da região! Eu poderei igualar-me aos grandes santos e gurus!”

Decidido a repetir o feito, aproximou-se da margem, e começou a gritar, enquanto caminhava rio adentro:

- Louvado seja Sanjai! Louvado seja Sanjai!

Deu o primeiro passo, o segundo, e no terceiro já estava sendo carregado pela correnteza. Como não sabia nadar, foi preciso que o discípulo se atirasse na água e o salvasse da morte certa.

Quando os dois chegaram à margem, exaustos, Sanjai ficou em silêncio por longo tempo. Finalmente, comentou:

- Espero que você entenda com sabedoria o que aconteceu hoje. Tudo que eu lhe ensinei foram as sagradas escrituras, e a maneira correta de comportar-se. Entretanto, isso não bastaria, se você não acrescentasse o que estava faltando: a fé de que tais ensinamentos poderiam melhorar sua vida.

“Eu lhe ensinei, porque meus mestres me ensinaram. Mas, enquanto eu pensava e estudava, você praticava o que tinha aprendido. Obrigado por me fazer entender que, muitas vezes, o homem não acredita no que deseja que os outros acreditem. “

Um outro nome

Um homem se virou para o amigo:

- você fala de Deus como se você o conhecesse pessoalmente, e soubesse até mesmo a cor dos seus olhos. Por que esta necessidade de criar algo em que acreditar? Será que você não consegue viver sem isso?

-você tem alguma idéia de como o Universo foi criado? Sabe explicar o milagre da vida?

- Tudo a nossa volta é fruto do acaso. As coisas acontecem.

- Certo. Então, “As coisas acontecem” é apenas um outro nome de Deus.

Respeite os meus desejos

“Quando estava em seu leito de morte, Jacob chamou a mulher Sarah:

- Querida Sarah, quero fazer meu testamento. Vou deixar para meu primogênito Abraão metade da minha herança. Afinal de contas, ele é um homem de fé.

- Não faça isso, Jacob! Abraão não precisa de tanto dinheiro, já tem seu emprego, sua firma, já tem até mesmo fé em nossa religião. Deixa para Isaac, que está vivendo muitos conflitos existenciais sobre a existência de Deus, e ainda não se ajeitou na vida.

- Está bem, deixarei para Isaac. E Abraão ficará com minhas ações.

- Já disse, meu adorador Jacob, que Abraão não precisa de nada! Eu fico com as ações, e

poderei prover qualquer um de nossos filhos, se algum dia necessitarem.

- você tem razão, Sarah. Vamos então as nossas propriedades em Israel. Acho que devo deixar para Deborah.

- Deborah? você enlouqueceu, Jacob. Ela já tem propriedades em Israel, você quer que se transforme em uma mulher de negócios, e termine arruinando seu casamento? Acho que nossa filha Michele precisa muito mais de ajuda!

Jacob, reunindo suas últimas energias, levantou-se indignado:

- Minha querida Sarah, você tem sido uma excelente esposa, uma excelente mãe, e sei que quer o melhor para cada um de seus filhos. Mas por favor, respeite meus pontos de vista! Afinal de contas, quem é que está morrendo? É você ou sou eu?

A alegria e o amor

Um fiel aproximou-se do rabino Moche de Kobryn

- De que maneira devo usar meus dias, para que Deus fique contente com meus atos?

- Só existe uma alternativa: procure viver com amor - respondeu o rabino.

Minutos depois , outro discípulo aproximou-se e fez a mesma pergunta.

- Só existe uma alternativa: procure viver com alegria.

O primeiro discípulo ficou surpreso:

- Mas o conselho que o senhor me deu foi diferente!

- Ao contrário - disse Moche de Kobryn. - Foi exatamente igual.

A certeza e a dúvida

Buda estava reunido com seus discípulos certa manhã, quando um homem se aproximou:

- Existe Deus?- perguntou.

- Existe - respondeu Buda.

Depois do almoço aproximou-se outro homem.

- Existe Deus? - quis saber.

- Não, não existe - disse Buda.

No final da tarde, um terceiro homem fez a mesma pergunta: - - Existe Deus?

- Você terá que decidir - respondeu Buda.

Assim que o homem foi embora, um discípulo comentou, revoltado:

- Mestre, que absurdo! Como o Sr. dá respostas diferentes para a mesma pergunta?

- Porque são pessoas diferentes, e cada uma chegará a Deus por seu próprio caminho. O primeiro acreditará em minha palavra. O

segundo fará tudo para provar que eu estou errado. E o terceiro só acredita naquilo que é capaz de escolher por si mesmo.

Continuar no mesmo caminho

O monge Lucas, acompanhado de um discípulo, parou numa aldeia. Um velho perguntou:

- Santo homem, como me aproximo de Deus? -

- Divirta-se. Louve a Deus com sua alegria
- foi a resposta.

Um jovem perguntou:

- O que faço para me aproximar de Deus?

- Não se divirta tanto - disse Lucas.

Quando o jovem partiu, o discípulo comentou:

- Parece que o senhor não sabe direito se devemos ou não nos divertir.

Lucas respondeu :

- A busca espiritual é uma ponte sem corrimão atravessando um abismo. Se alguém está muito perto do lado direito, eu digo 'para a esquerda!' Se aproximam-se do lado esquerdo, eu digo 'para a direita!'. E assim eles continuam no Caminho.

A chave de parafuso

Pouco antes de morrer, meu sogro chamou a família: “sei que a morte é apenas uma passagem. Depois que for para o outro mundo, vou dar um sinal de que valeu a pena ajudar os outros nesta vida”. Seu desejo era cremado, as cinzas jogadas no Arpoador, enquanto um gravador tocava suas músicas preferidas.

Faleceu dois dias depois. Um amigo facilitou a cremação em São Paulo, e - de volta ao Rio - fomos direto ao Arpoador com rádio, fitas, e o embrulho com a caixa de cinzas. Ao chegar em frente ao mar, a surpresa: a tampa da urna estava firmemente presa com parafusos. Não conseguíamos abri-la.

Não havia ninguém por perto, apenas um mendigo, que se aproximou, perguntando: “O que vocês querem?”

Meu cunhado respondeu: “Uma chave de parafuso, porque aqui estão as cinzas do meu pai”.

“Ele deve ter sido um homem muito bom, porque acabei de achar isto agora”, disse o mendigo.

E estendeu uma chave de parafuso.

Poupando a energia que resta

Dois rabinos tentam, de todas as maneiras levar o conforto espiritual aos judeus na Alemanha nazista. Durante dois anos, embora mortos de medo, enganam a Gestapo – a temível polícia de Adolf Hilter - e realizam ofícios religiosos em várias comunidades.

Finalmente são descobertos e presos. Um dos rabinos, apavorado com o que pode acontecer dali por diante, não pára de rezar. O outro - ao contrário - passa o dia inteiro dormindo.

- Por que você está agindo assim? - pergunta o rabino assustado.

- Para salvar minhas forças. Sei que vou precisar delas daqui por diante.

- Mas você não está com medo? Não sabe o que pode nos acontecer?

- Eu estava em pânico, até o momento da prisão. Agora que estou nesta cela, de que adianta temer o que já aconteceu? O tempo do medo acabou; agora começa o tempo da esperança.

Não precisamos de Ti

Os noviços do mosteiro de Sceta assistiram, certa tarde, um monge ofender o outro. O superior do mosteiro, Abade Sisois, pediu ao monge ofendido que perdoasse seu agressor.

- De jeito nenhum – foi a resposta. - Ele fez, e terá que pagar.

Na mesma hora, o abade Sisois levantou os braços para o céu e começou a rezar:

- Meu Jesus, não precisamos mais de Ti. Já somos capazes de fazer os agressores pagarem por suas ofensas. Já somos capazes de tomar a vingança em nossas mãos, e cuidar do Bem e do Mal. Portanto, o Senhor pode afastar-se de nós sem problemas.

Envergonhado, o monge agredido perdoou imediatamente seu irmão.

Pensando nas gerações futuras

Quando jovem, Abin-Alsar escutou uma conversa do seu pai com um dervixe.

- Cuidado com suas obras - disse o dervixe. - Pense na maneira como elas vão afetar as gerações futuras.

- O que eu tenho a ver com as gerações futuras? - respondeu o pai. - Nunca vou conhece-las; quando eu morrer, tudo estará acabado, e não me importa o que dirão meus descendentes.

Abin-Alsar jamais esqueceu a conversa. Durante toda a sua vida, esforçou-se para fazer o bem, ajudar as pessoas, executar seu trabalho com entusiasmo.

Tornou-se um homem conhecido por sua preocupação com os outros; ao morrer, tinha

deixado um grande número de obras, que melhoraram consideravelmente o nível de vida de sua cidade.

Em seu túmulo, mandou gravar o seguinte epitáfio:

“Uma vida que termina com a morte, é uma vida que não valeu a pena”.

O monge e a prostituta

Vivia um monge nas proximidades do templo de Shiva. Na casa em frente, morava uma prostituta. Observando a quantidade de homens que a visitavam, o monge resolveu chamá-la.

- Você é uma grande pecadora – repreendeu-a .- Desrespeita a Deus todos os dias, e todas as noites. Será que você não consegue parar, e refletir sobre a sua vida depois da morte?

A pobre mulher ficou muito abalada com as palavras do monge; com sincero arrependimento orou a Deus, implorando perdão. Pediu também que o Todo-Poderoso a fizesse encontrar uma nova maneira de ganhar o seu sustento.

Mas não encontrou nenhum trabalho diferente. E, após uma semana passando fome, voltou a prostituir-se.

Mas, cada vez que entregava seu corpo a um estranho, rezava ao Senhor, e pedia perdão.

O monge, irritado porque seu conselho não produzira nenhum efeito, pensou consigo mesmo:

“A partir de agora vou contar quantos homens entram naquela casa – até o dia da morte desta pecadora.”

E desde este dia, ele não fazia outra coisa a não ser vigiar a rotina da prostituta: a cada homem que entrava, colocava uma pedra num monte.

Passado algum tempo, o monge tornou a chamar a prostituta e lhe disse:

- Vê este monte? Cada pedra dessa representa um dos pecados mortais que você cometeu, mesmo depois de minhas advertências. Agora torno a dizer: cuidado com as más ações!

A mulher começou a tremer, percebendo como se avolumavam seus pecados. Voltando para casa, derramou lágrimas de sincero arrependimento, orando:

-Ó Senhor, quando Vossa misericórdia irá me livrar desta miserável vida que levo?

Sua prece foi ouvida. Naquele mesmo dia, o anjo da morte passou por sua casa, e a levou. Por vontade de Deus, o anjo atravessou a rua e também carregou o monge consigo.

A alma da prostituta subiu imediatamente aos Céus, enquanto os demônios levaram o monge ao Inferno. Ao cruzarem no meio do caminho, o monge viu o que estava acontecendo, e clamou:

- Oh Senhor, essa é a Tua justiça? Eu, que passei a minha vida em devoção e pobreza, agora sou levado ao inferno, enquanto essa prostituta, que viveu em constante pecado, está subindo ao céu!

Ouvindo isto, um dos anjos respondeu:

- São sempre justos os desígnios de Deus. você achava que o amor de Deus se resumia a

julgar o comportamento do próximo. Enquanto você enchia seu coração com a impureza do pecado alheio, esta mulher orava fervorosamente dia e noite. A alma dela ficou tão leve depois de chorar, que podemos leva-la até o Paraíso. A sua alma ficou carregada de pedras, que não conseguimos fazer-la subir até o alto.

A irmã mais velha pergunta

Quando seu irmão nasceu, Sa-chi Gabriel insistia com os pais para ficar sozinho com o bebê. Temendo que, como muitas crianças de 4 anos, estivesse enciumada e quisesse maltratá-lo, eles não deixaram.

Mas ela Sa-chi não dava mostra de ciúmes. E como sempre tratava o bebê com carinho, os pais resolveram fazer um teste. Deixaram Sa-chi com o recém-nascido, e ficaram observando seu comportamento através da porta semi-aberta.

Encantada por ter seu desejo satisfeito, a pequena Sachi aproximou-se do berço na ponta dos pés, curvou-se até o bebê e disse:

- Me diz como Deus é! Eu já estou esquecendo!

Shelley e o bêbado

Depois de uma exaustiva manhã dando palestras para crianças, vou almoçar com uma amiga advogada, Shelley Mitchel. No restaurante, sentamos numa mesa ao lado de um bêbado, que insiste em puxar conversa o tempo todo; Fala do sofrimento por ter sido abandonado por sua mulher, diz o quanto está triste, pergunta-nos o que deve fazer.

A certa altura, Shelley pede ao bêbado para ficar quieto. Mas ele insiste:

- Por que? Eu falei de amor como um homem sóbrio nunca fala. Demonstrei alegria e tristeza, tentei comunicar-me com estranhos. O que há de errado nisto?

O momento não é apropriado - responde ela.

- Quer dizer que existe hora certa para sofrer por amor?

Depois desta frase, convidamos o bêbado para a nossa mesa.

O reflexo no corpo físico

Na época em que eu praticava meditação zen-budista, havia um momento em que o mestre ia até o canto do dojo (local onde os discípulos se reuniam) e voltava com uma varinha de bambu. Todos os alunos que não haviam conseguido se concentrar direito, precisavam levantar a mão neste momento; então o mestre se aproximava, e dava três golpes em cada ombro.

No primeiro dia, isto me pareceu medieval e absurdo. Mais tarde, entendi que muitas vezes é necessário colocar no plano físico a dor espiritual, para ver o mal que ela causa. No caminho de Santiago, aprendi um exercício que consistia em cravar a unha do indicador no polegar quando pensasse algo prejudicial.

As terríveis consequências dos pensamentos negativos são percebidas muito

tarde. Mas fazendo com que eles - através da dor - se manifestem no plano físico, nos damos conta do mal que nos causam, e terminamos por evita-los.

Na fila do supermercado

Um padre da Igreja da Ressurreição, em Copacabana, aguardava pacientemente seu momento de comprar carne no supermercado, quando uma mulher tentou “furar” a fila.

Começou então um festival de agressões verbais dos outros fregueses, que a mulher respondia com igual veemência. Quando a situação parecia insuportável, alguém gritou: “Ei, madame, Deus te ama!”.

- Foi impressionante - conta o padre. - Num momento em que todos pensavam em ódio, alguém falou de amor. Na mesma hora, a agitação desapareceu por encanto. A mulher se encaminhou para o seu lugar correto na fila, e os fregueses se desculparam por reagirem tão agressivamente.

Como ver o todo em tudo

Quando Ketu completou doze anos de idade, foi mandado para um mestre, com o qual estudou até completar vinte e quatro. Ao terminar seu aprendizado, voltou para casa cheio de orgulho.

Disse-lhe o pai:

- Como podemos conhecer aquilo que não vemos? Como podemos saber que Deus, o Todo Poderoso, está em toda parte?

O rapaz começou a recitar as escrituras sagradas, mas o pai o interrompeu:

- Isso é muito complicado; não existe uma maneira mais simples de aprendermos sobre a existência de Deus?

- Não que eu saiba, meu pai. Hoje em dia sou um homem culto, e preciso desta cultura para explicar os mistérios da sabedoria divina.

- Perdi meu tempo e meu dinheiro enviando meu filho ao mosteiro – reclamou o pai.

E pegando Ketu pelas mãos, levou-o a cozinha. Ali, encheu uma bacia com água, e misturou um pouco de sal. Depois, saíram para passear na cidade.

Quando voltaram para casa, o pai pediu a Ketu:

- Traz o sal que coloquei na bacia.

Ketu procurou o sal, mas não o encontrou, pois já se havia dissolvido na água.

- Então não vê mais o sal? – perguntou o pai.

- Não. O sal está invisível.

- Prova, então, um pouco da água da superfície da bacia. Como está ela?

- Salgada.

- Prova um pouco da água do meio: como está?

- Tão salgada como a da superfície.

- Agora prova a água do fundo da bacia, e me diz qual o seu gosto.

Ketu provou, e o gosto era o mesmo que experimentara antes.

- você estudou muitos anos, e não consegue explicar com simplicidade como o Deus Invisível está em toda parte – disse o pai. – Usando uma bacia de água, e chamando de “sal” a Deus, eu poderia fazer qualquer camponês entender isso. Por favor, meu filho, esqueça a sabedoria que nos afasta dos homens, e torne a procurar a Inspiração que nos aproxima.

O aluno ladrão

Um discípulo do mestre zen Bankei, foi pego roubando durante a aula. Todos os outros pediram a expulsão dele, mas Bankei resolveu não fazer nada.

Dias depois o aluno voltou a roubar, e o mestre continuou calado. Inconformados, os outros discípulos exigiram que o ladrão fosse punido, já que o mau exemplo não podia continuar.

- Como vocês são sábios!-disse Bankei. - Aprenderam a distinguir o certo do errado, e podem estudar em qualquer outro lugar. Mas este pobre irmão não sabe o que é certo ou errado, e só tem a mim para ensina-lo.

Os discípulos nunca mais duvidaram da sabedoria e generosidade de Bankei, e o ladrão nunca mais tornou a roubar.

A consciência da vida

O escritor grego Nikos Kazantzakis conta que, quando criança, reparou num casulo preso a uma árvore, onde uma borboleta preparava-se para sair. Esperou algum tempo, mas - como estava demorando muito - resolveu acelerar o processo. Começou a esquentar o casulo com seu hálito; a borboleta terminou saindo, mas suas asas ainda estavam presas, e terminou por morrer pouco tempo depois.

“Era necessária uma paciente maturação feita pelo sol, e eu não soube esperar”, diz Kazantzakis. “Aquele pequeno cadáver é, até hoje, um dos maiores pesos que tenho na consciência. Mas foi ele que me fez entender o que é um verdadeiro pecado mortal: forçar as grandes leis do universo. É preciso paciência, aguardar a hora certa, e seguir com confiança o ritmo que Deus escolheu para nossa vida”.

O valor e o dinheiro

Cicccone German conta a história de um homem que, graças à sua imensa riqueza e sua infinita ambição, resolveu comprar tudo que estava ao seu alcance. Depois de encher suas muitas casas de roupas, móveis, automóveis, jóias, o homem resolveu comprar outras coisas.

Comprou a ética e a moral, e neste momento foi criada a corrupção.

Comprou a solidariedade e a generosidade – e então a indiferença foi criada.

Comprou a justiça e suas leis – fazendo nascer na mesma hora a impunidade.

Comprou o amor e os sentimentos, e surgiu a dor e o remorso.

O homem mais poderoso do mundo comprou todos os bens materiais que queria possuir, e todos os valores que desejava

dominar. Até que um dia, já embriagado por tanto poder, resolveu comprar a si mesmo.

Apesar de todo o dinheiro, não conseguiu realizar seu intento. Então, a partir deste momento, criou-se na consciência da Terra um único bem que nenhuma pessoa pode colocar um preço: seu próprio valor.

Sempre correndo

O monge Shuan sempre alertava aos discípulos para a importância do estudo de filosofia ancestral. Um deles, conhecido pela sua força de vontade, anotava todos os ensinamentos de Shuan, e passava o resto do dia refletindo sobre os pensadores antigos.

Depois de um ano de estudos discípulo adoeceu, mas continuou frequentando as aulas.

- Mesmo doente, continuarei estudando. Estou atrás da sabedoria e não há tempo a perder.-disse ele ao mestre.

Shuan indagou:

- Como você sabe que a sabedoria está na sua frente, e que é preciso está sempre correndo atrás dela? Talvez ela esteja caminhando atrás de você, querendo alcançá-lo, e de alguma maneira você não está deixando. Relaxar e deixar os

pensamentos fluírem, também é uma maneira de atingir a sabedoria.

Encontro na 5a. Avenida

Eu estava saindo da igreja de Saint Patrick, em Nova York, quando um rapaz brasileiro se aproximou.

- Que bom encontra-lo aqui – disse, sorrindo – Precisava muito dizer alguma coisa.

Eu também gostei do encontro com um desconhecido. Convidei-o para tomar um café, contei a chatice que foi minha viagem a Denver, sugeri que fosse até o Harlem no domingo, para assistir um serviço religioso.

O rapaz, que devia ter vinte e poucos anos, me escutava sem dizer nada.

Eu continuei a falar. Disse que acabara de ler um livro de ficção sobre um grupo terrorista que toma de assalto a igreja de Saint Patrick, e o escritor descrevia tão bem o cenário que me chamara a atenção sobre muitas coisas que jamais havia visto em minhas visitas ao local.

Assim, tomara a decisão de passar por ali aquela manhã.

Ficamos quase uma hora juntos, tomamos dois cafés, e eu conduzi a conversa o tempo todo. No final, nos despedimos, e desejei uma excelente viagem ao rapaz.

- Obrigado – disse ele, afastando-se.

Foi quando eu notei que seus olhos estavam tristes; alguma coisa tinha dado errado, e eu não sabia exatamente o que. Só depois de caminhar algumas quadras foi que me dei conta: o rapaz se aproximara dizendo que precisava muito falar comigo.

Durante o tempo que passamos juntos, eu assumira o controle da situação. Em nenhum momento, perguntei o que ele queria; na tentativa de ser simpático, preenchi todos os espaços, não permiti um momento de silêncio, onde o rapaz finalmente pudesse transformar um monólogo em diálogo.

Talvez ele tivesse algo muito importante para compartilhar comigo. Talvez, se naquele momento eu estivesse realmente aberto para a

vida, eu também teria algo para entregar ao rapaz. Talvez, tanto minha vida como a dele, tivesse mudado radicalmente depois daquele encontro. Nunca vou saber, e não vou ficar me torturando com o fato de que não soube aproveitar um momento mágico do dia; erros acontecem.

Mas, desde então procuro manter viva na memória, a cena da minha despedida, e os olhos tristes do rapaz; quando eu não soube receber o que me era destinado, tampouco consegui dar aquilo que eu queria, por mais que me esforçasse.

Encontro no Posto Seis

O padre José Roberto, da Igreja da Ressurreição no Rio de Janeiro, saía certa manhã bem cedo, quando seu carro foi cercado por três adolescentes.

- Passamos a noite em claro, padre – disse um deles, em tom desafiador. – Pode imaginar onde estivemos?

Como qualquer ser humano normal, José Roberto preferiu ficar quieto. Imaginou o que significa uma noite em claro naquela idade, sentiu medo pelos riscos que os garotos devem ter corrido, pensou na preocupação dos pais.

O adolescente que iniciara a conversa, terminou por responder à própria pergunta:

- Ficamos na Igreja de N. Sra. Copacabana, adorando a Virgem. Saímos de lá tão eufóricos que viemos caminhando até aqui (aproximadamente 3 kms.), cantando alto,

rindo, falando com todo mundo. Pelo menos uma das pessoas nos perguntou: “como é que vocês, tão jovens, não tem vergonha de estarem bêbados a esta hora da manhã?”

O padre José Roberto deu partida no seu carro, e seguiu em direção ao seu compromisso. No caminho, se perguntou muitas vezes: “ Eu também me deixei levar pelas aparências, e cometi uma injustiça em meu coração. Será que algum o ser humano vai finalmente entender a frase de Jesus, “vocês serão julgados com a mesma medida com que julgam seu próximo?””

O seixo correto

O homem ouviu falar que certo alquimista perdera, num deserto muito próximo, o resultado de anos de seu trabalho: a famosa pedra filosofal, que transformava em ouro todo metal que tocava.

Impulsionado pelo desejo de achá-la e ficar rico, o homem dirigiu-se ao deserto. Como não sabia exatamente o aspecto da pedra filosofal, começou a pegar todos os seixos que encontrava, colocando-os em contacto com a fivela do seu cinto, e vendo o que acontecia.

Passou-se um ano, mais um, e nada. O homem, entretanto, seguia obstinadamente no desejo de recuperar a mágica pedra. Assim, automaticamente, caminhava pelos diversos vales e montanhas do deserto, esfregando um seixo atrás do outro em seu cinto.

Certa noite, antes de dormir, deu-se conta que a fivela havia se transformado em ouro!

Mas qual das pedras tinha sido? Será que o milagre acontecera de manhã, ou na parte da noite? Ha quanto tempo, realmente, não olhava o resultado do seu esforço? O que antes era uma busca de um objetivo determinado, tinha se transformado num exercício mecânico, sem qualquer atenção ou prazer. O que era uma aventura, transformou-se numa obrigação aborrecida.

Agora já não tinha como descobrir a pedra exata, pois a fivela já era de ouro, e nenhuma outra transformação aconteceria. Percorrera o caminho certo, e deixara de prestar atenção ao milagre que o esperava.

As pedras maiores

O mestre colocou, em cima da mesa, um vaso de vidro.

Em seguida, retirou de um saco uma dezena de pedras do tamanho de uma laranja, e começou a enfiá-las, uma a uma, dentro do jarro.

Quando o jarro já estava com pedras até a borda, perguntou aos seus alunos:

- Está cheio?

Todos disseram que sim. O mestre, porém, retirou de outro saco um cascalho, e sacudindo as pedras grandes dentro do jarro, conseguiu colocar bastante cascalho ali dentro.

- Está cheio? – perguntou de novo.

Os alunos disseram que, desta vez, estava cheio. Foi quando o mestre abriu um terceiro saco, cheio de areia fina, e começou a derramá-la no. A areia foi preenchendo o espaço vazio

entre as pedras e o cascalho, até que chegou ao topo.

- Muito bem – disse o mestre – agora o jarro está cheio. Qual o ensinamento que eu quis demonstrar?

- Que, não importa o quanto você esteja ocupado, sempre há espaço para fazer alguma coisa a mais – disse um aluno.

- Nada disso. Na verdade, esta pequena demonstração nos faz ver o seguinte: se não colocamos as pedras grandes antes, não poderemos coloca-las depois.

“Então, quais são as coisas importantes na nossa vida? Quais os projetos que adiamos, as aventuras que não vivemos, os amores pelo qual não lutamos? Perguntem quais são pedras grandes, sólidas, que mantém acesa em vocês a chama de Deus. E coloquem rápido no vaso de suas decisões, ou em pouco tempo já não encontrarão lugar para elas.”

A árvore dos problemas

O carpinteiro terminou mais um dia de trabalho. Como era final de semana, e resolveu convidar um amigo para beber algo em sua casa.

Ao chegar, antes de entrarem, o carpinteiro parou por alguns minutos, em silêncio, diante de uma árvore que ficava no seu jardim. Em seguida, tocou seus ramos com ambas as mãos.

Imediatamente seu rosto mudou. Entrou em casa sorrindo, foi recebido pela mulher e filhos, contou histórias, e saiu para beber com o amigo, na varanda.

Dali, podiam ver a árvore. Sem conseguir controlar sua curiosidade, o amigo perguntou o que fizera antes.

- Ah, esta é a árvore dos meus problemas – respondeu. - Sei que não posso evitar ter aborrecimentos no meu trabalho, mas estas

preocupações são minhas, e não pertencem a minha esposa, nem aos meus filhos.

“Assim, quando chego aqui, penduro meus problemas nos ramos daquela árvore. No dia seguinte, antes de sair para o trabalho, eu os recolho de novo.

“O mais curioso, porém, é que quando saio de manhã e vou procura-los, alguns já não estão mais ali, e outros parecem bem menos pesados do que na noite anterior.

“Quem é o mestre

Um discípulo perguntou a Nasrudin:

- Como você se tornou um mestre espiritual?

- Todos nós já sabemos o que precisamos fazer em nossas vidas, mas nunca aceitamos isso, - respondeu Nasrudin. Para entender esta verdade, precisei passar por uma situação curiosa.

“Certo dia, eu estava sentado na beira de uma estrada pensando no que fazer, quando chegou um homem e postou-se diante de mim. Para afastá-lo dali, eu fiz um gesto, e ele o repetiu. Achei aquilo engraçado, e fiz outro gesto; ele me imitou, e acrescentou um novo movimento.

“Nós começamos a cantar e a realizar toda sorte de exercícios. Eu me sentia cada vez melhor, e passei a adorar o meu novo

companheiro. Algumas semanas se passaram, e um dia eu perguntei-lhe:

"Diga-me: o que devo fazer a seguir, Mestre?"

E o homem replicou: "Mas eu pensei que você era o mestre!"

Um santo no lugar errado

- Por que existem pessoas que saem facilmente dos problemas mais complicados, enquanto outras sofrem por problemas muito pequenos, morrem afogadas num copo de água?

Ramesh respondeu, contando a seguinte história:

-Era uma vez um sujeito que viveu amorosamente toda a sua vida. Quando morreu, todo mundo lhe falou para ir ao céu, um homem tão bondoso quanto ele somente poderia ir para o Paraíso. Ir para o céu não era tão importante para aquele homem, mas mesmo assim ele foi até lá.

“Naquela época, o céu não havia ainda passado por um programa de qualidade total. A recepção não funcionava muito bem, a moça

que o recebeu deu uma olhada rápida nas fichas em cima do balcão e, como não viu o nome dele na lista, lhe orientou para ir ao Inferno.

“E, no Inferno, ninguém exige crachá nem convite, qualquer um que chega é convidado a entrar. O sujeito entrou e foi ficando...”

“Alguns dias depois, Lúcifer chega furioso às portas do Paraíso para tomar satisfações com São Pedro:

“- Isso que você está fazendo é puro terrorismo!!

“Sem saber o motivo de tanta raiva, Pedro pergunta do que se trata. Um transtornado Lúcifer responde:

“- Você mandou aquele sujeito para o Inferno e ele está me desmoralizando! Chegou escutando as pessoas, olhando-as nos olhos, conversando com elas. Agora, está todo mundo dialogando, se abraçando, se beijando. O inferno não é lugar para isso! Por favor, traga este sujeito para cá!”

Quando Ramesh terminou de contar esta história olhou-me carinhosamente e disse:

- Viva com tanto amor no coração que se, por engano, você for parar no Inferno, o próprio demônio lhe trará de volta ao Paraíso."

Não posso entrar

Perto de Olite, na Espanha, existe um castelo em ruínas. Resolvo visitá-lo, e quando já estou diante dele, um senhor na porta me diz:

- Não pode entrar.

Minha intuição me garante que ele está me proibindo pelo prazer de proibir. Explico que venho de longe, tento dar uma gorjeta, ser simpático, digo que aquilo é um castelo em ruínas - de repente, entrar naquele castelo se tornou muito importante para mim.

- Não pode entrar - repete o senhor.

Resta apenas uma alternativa: seguir adiante, e esperar que me impeça fisicamente. Dirijo-me para a porta. Ele me olha, mas não faz nada.

Quando saio, duas turistas se aproximam e entram. O velho não tenta impedi-las. Sinto que, graças a minha resistência, o velho resolveu

parar de criar regras absurdas. Às vezes, o mundo nos pede para lutar por coisas que não conhecemos, por razões que jamais vamos descobrir.

Asas e raízes

“Bendito aquele que consegue dar aos seus filhos asas e raízes”, diz um provérbio.

Precisamos das raízes: existe um lugar no mundo onde nascemos, aprendemos uma língua, descobrimos como nossos antepassados superavam seus problemas. Em um dado momento, passamos a ser responsáveis por este lugar.

Precisamos das asas. Elas nos mostram os horizontes sem fim da imaginação, nos levam até nossos sonhos, nos conduzem a lugares distantes. São as asas que nos permitem conhecer as raízes de nossos semelhantes, e aprender com eles.

Bendito quem tem asas e raízes; e pobre de quem tem apenas um dos dois.

Estou de passagem

No século passado, um turista americano foi ao Cairo visitar o famoso rabino polonês Hafez Ayim. O turista ficou surpreso ao ver que o rabino morava num quarto simples, cheio de livros, onde as únicas peças de mobília eram uma mesa e um banco.

- Rabi, onde estão seus móveis? – perguntou o turista.

- E onde estão os seus? – retorquiu Hafez.

- Os meus? Mas eu só estou aqui de passagem!

- Eu também – disse o rabino.

Convencer os outros

Um profeta chegou certa vez a uma cidade para converter seus habitantes.

A princípio, as pessoas ficaram entusiasmadas com o que ouviam. Mas - pouco a pouco - a rotina da vida espiritual era tão difícil, que homens e mulheres se afastaram, até que não ficou uma só alma para ouvi-lo.

Um viajante, ao ver o profeta pregando sozinho, perguntou:

- Por que continuas exaltando as virtudes e condenando os vícios? Não vêes que ninguém aqui te escuta?

- No começo, eu esperava transformar as pessoas - disse o profeta. - Se ainda hoje continuo pregando, é apenas para impedir que as pessoas me transformem.

Depois da morte

O imperador mandou chamar o mestre zen Gudo à sua presença.

- Gudo, ouvi falar que você é um homem que tudo compreende – disse o imperador. – Eu gostaria de saber o que acontece com o homem iluminado em com o pecador, depois que ambos morrem?

- Como vou saber? – respondeu Gudo.

- Mas, afinal de contas, você não é um mestre iluminado?

- Sim, senhor. Mas não um mestre morto!

Eu sou parte da terra

As guerras entre os conquistadores do Oeste americano e os índios tornavam-se cada vez mais violentas. Pouco antes de morrer, o pai do Cacique Joseph (1840-1904) chamou-o:

“Meu filho, meu corpo em breve voltará a Mãe Terra”, disse. “Quando eu partir, esta terra é a tua herança. Não estou deixando dinheiro, riquezas, e o poder que agora você recebe não é motivo de orgulho, mas de responsabilidade. Deixo em tuas mãos o solo em que pisas, e o nosso povo; espero que sejas digno disso. Em breve o homem branco nos cercará por completo, e vai tentar comprar nossa Mãe. Lembre-se que meu corpo está ali, que sou parte Dela”.

Joseph pegou a mão de seu pai, apertou-a contra seu peito, e prometeu jamais vender a terra.

O branco tentou comprar, e o cacique não vendeu. Vieram combates cada vez mais sangrentos, e Joseph liderou seu exército contra os soldados americanos. Quando foi capturado, perguntaram porque defendia uma causa perdida.

“Um homem não vende os ossos de seu pai”, disse o cacique.

A morte anunciada

Em meados de 1970, quando estava prestes a completar seu doutorado em física, o cientista Stephen Hawking - já então portador de uma doença que ia paralisando seus movimentos - escutou um médico dizer que tinha apenas dois anos de vida.

“Então posso tentar entender o Universo, porque não vou mais precisar pensar em coisas como aposentadoria e contas a pagar”, resolveu.

Como a doença progredia rapidamente, foi obrigado a criar fórmulas simples para explicar - no menor espaço de tempo possível - tudo aquilo que pensava.

Dois anos e meio se passaram, vinte anos se passaram, e Hawking continua vivo. É capaz de comunicar suas idéias abstratas através de um pequeno computador acoplado a sua cadeira de rodas, e que possui apenas 500 palavras

diferentes. Escreveu o clássico “Uma breve história do tempo”(Ed. Rocco), e foi responsável por uma nova visão da Física moderna.

A doença, ao invés de conduzi-lo a invalidez total, forçou-o a descobrir uma nova maneira de raciocínio.

Não esqueça os maus

A seguinte oração foi encontrada entre os pertences pessoais de um judeu, morto num campo de concentração:

"Senhor: quando vieres na Tua glória, não te lembres apenas dos homens de boa vontade; lembra-Te também dos homens de má vontade.

"E, no dia do Julgamento, não Te lembres apenas das crueldades, sevícias, e violências que eles praticaram: lembra-Te também dos frutos que produzimos por causa do que eles nos fizeram. Lembra-Te da paciência, da coragem, da confraternização, da humildade, da grandeza de alma e da fidelidade, que nossos carrascos terminaram por despertar em nossas almas.

"Permite então, Senhor, que os frutos por nós produzidos possam servir para salvar as almas os homens de má vontade."

O verdadeiro respeito

Durante a evangelização no Japão, um missionário foi preso por samurais.

- Se quiser continuar vivo, amanhã terá que pisar a imagem de Cristo, diante de todos - disseram os guerreiros.

O missionário foi dormir, sem nenhuma dúvida no coração: jamais cometeria tal sacrilégio, e estava preparado para o martírio.

Acordou no meio da noite, e ao levantar-se da cama, tropeçou num homem que dormia no chão. Quase caiu para trás: era Jesus Cristo em pessoa!

- Agora que já pisou em mim, vá lá fora e pise na minha imagem - disse Jesus. -Porque lutar por uma idéia é muito mais importante que a vaidade de um sacrifício.

Destruindo e reconstruindo

Sou convidado a ir a Guncan-Gima, onde existe um templo zen-budista. Quando chego lá, fico surpreso: a belíssima estrutura está situada no meio de uma imensa floresta, mas com um gigantesco terreno baldio ao lado.

Pergunto a razão daquele terreno, e o encarregado explica:

-É o local da próxima construção. A cada vinte anos, destruimos este templo que você está vendo, e o reconstruímos ao lado.

“Desta maneira, os monges carpinteiros, pedreiros e arquitetos, tem possibilidade de estar sempre exercendo suas habilidades, e ensina-las - na prática - aos seus aprendizes. Mostramos também que nada na vida é eterno -

e até mesmo os templos estão num processo de constante aperfeiçoamento.”

A medida do amor

- Sempre desejei saber se era capaz de amar minha mulher como o senhor ama a sua - disse o jornalista Keichiro a meu editor Satoshi Gungi, enquanto jantávamos.

- Não existe nada além do amor – foi a resposta. - É ele que mantém o mundo girando e as estrelas suspensas no céu.

- Sei disso. Mas como vou saber se meu amor é grande o suficiente?

- Procure saber se você se entrega, ou se você foge de suas emoções. Mas não faça perguntas como esta porque o amor não é grande nem pequeno; é apenas o amor.

“Não se pode medir um sentimento como se mede uma estrada. Se você fizer isso, vai começar a comparar com o que lhe contam, ou com o que está esperando encontrar. Desta

maneira, sempre vai escutando uma história, ao invés de percorrer seu próprio caminho.”

O eterno insatisfeito

Shanti percorria as cidades pregando a palavra Divina, quando um homem veio procura-lo para que curasse seus males.

- Trabalhe, alimente-se, e louve a Deus - respondeu Shanti.

- Quando trabalho, sinto minhas costas doerem. Quando como, minha barriga queima com azia. Quando bebo, minha garganta arde com a bebida. Quando rezo, sinto que Deus não me escuta.

- Então busque outra pessoa para ensina-lo.

O homem foi embora, revoltado. Shanti comentou com os que ouviam a conversa:

- Ele tinha duas formas de encarar cada coisa, e escolheu sempre a pior. Quando morrer, é possível que também reclame do frio dentro do túmulo.

Qual o melhor caminho

Quando perguntaram ao abade Antonio se o caminho do sacrifício levava ao céu, este respondeu:

- Existem dois caminhos de sacrifício. O primeiro é o do homem que mortifica a carne, faz penitência, porque acha que estamos condenados. Este homem sente-se culpado, e julga-se indigno de viver feliz. Neste caso, ele não chega a lugar nenhum, porque Deus não habita a culpa.

" O segundo é o do homem que, embora sabendo que o mundo não é perfeito como todos queríamos que fosse, reza, faz penitência, oferece seu tempo e seu trabalho para melhorar o ambiente ao seu redor. Neste caso, a Presença Divina o ajuda o tempo todo, e ele consegue resultados no Céu".

Continue no deserto

- Por que o senhor vive no deserto? -
perguntou o cavaleiro.

- Porque não consigo ser o que desejo.

- Ninguém consegue. Mas é preciso tentar -
insistiu o cavaleiro.

- Impossível. Quando começo a ser eu mesmo, as pessoas me tratam com uma reverência falsa. Quando sou verdadeiro a respeito de minha fé, então elas que começam a duvidar. Todos acreditam que são mais santos que eu, mas fingem-se de pecadores com medo de insultar minha solidão. Procuram mostrar o tempo todo que me consideram um santo; e assim se transformam em emissários do demônio, me tentando com o Orgulho.

- Seu problema não é tentar ser quem é, mas aceitar os outros como são. E agir assim, é

melhor continuar no deserto - disse o cavaleiro, afastando-se.

Estou morrendo de fome

Em plena tempestade de neve, o viajante chegou ao convento.

- Estou morrendo de frio e de fome, e não tenho como ganhar meu sustento; preciso comer.

Acontece que, justamente naquele dia, a tempestade havia impedido os monges de reabastecerem a dispensa, e não havia absolutamente nada para comer ou beber. Compadecido, o abade abriu o sacrário, tirou as hóstias consagradas e o cálice de vinho, e fez com que o estranho se alimentasse com eles.

Os outros monges ficaram horrorizados:

- Isso é um sacrilégio!

- Por que sacrilégio? - respondeu o abade.

- vocês ouviram falar de David, que comeu o pão do tabernáculo quando passava fome.

Cristo curava no sábado, sempre que era necessário.

“Eu apenas coloquei o espírito de Jesus em ação: amor e misericórdia agora podem fazer seu trabalho. ”

A cidade do outro lado

Um eremita do mosteiro de Sceta se aproximou do Abade Teodoro:

- Sei exatamente qual o objetivo da vida. Sei o que Deus pede ao homem, e conheço a melhor maneira de servi-Lo. E, mesmo assim, sou incapaz de fazer aquilo tudo que devia estar fazendo para servir ao Senhor.

O abade Teodoro ficou um longo tempo em silêncio. Finalmente disse:

- Você sabe que existe uma cidade do outro lado do oceano. Mas ainda não encontrou o navio, não colocou sua bagagem a bordo, e não cruzou o mar. Por que ficar comentando como ela é, ou como devemos caminhar por suas ruas?

“Saber o objetivo da vida, ou conhecer a melhor maneira de servir ao Senhor, não basta.

Coloque em prática o que você está pensando, e o caminho se mostrará por si mesmo”.

Comporte-se como os outros

O Abade Pastor caminhava com um monge de Sceta, quando foram convidados para comer. O dono da casa, honrado pela presença dos padres, mandou servir o que havia de melhor.

Entretanto, o monge estava no período de jejum; assim que a comida chegou, pegou uma ervilha, e mastigou-a lentamente. Só comeu esta ervilha, durante todo o jantar.

Na saída, o abade Pastor chamou-o:

- Irmão, quando for visitar alguém, não torne a sua santidade uma ofensa. Da próxima vez que estiver em jejum, não aceite convites para jantar.

O monge entendeu o que o abade Pastor dizia. A partir daí, sempre que estava com outras pessoas, se comportava como elas.

O trabalho na lavoura

O rapaz cruzou o deserto, e chegou finalmente ao mosteiro de Sceta, perto de Alexandria. Ali, pediu para assistir uma das palestras do abade - e recebeu permissão.

Naquela tarde, o abade discorreu sobre a importância do trabalho na lavoura.

No final da palestra, o rapaz disse a um dos monges:

- Fiquei muito impressionado. Achei que ia encontrar um sermão iluminado sobre as virtudes e os pecados, e o abade só falava de tomates, irrigação, e coisas assim. Do lugar aonde venho, todos acreditam que Deus é misericórdia: basta rezar.

O monge sorriu, e respondeu:

- Aqui, nós acreditamos que Deus já fez a parte Dele; agora cabe a nós continuar o processo.

Julgando o meu próximo

Um dos monges de Sceta cometeu uma falta grave, e chamaram o ermitão mais sábio para que pudesse julga-la.

O ermitão se recusou, mas insistiram tanto, que ele terminou por ir. Chegou ali carregado nas costas um balde furado, de onde escorria areia.

- Vim julgar meu próximo - disse o ermitão para o superior do convento. - Meus pecados estão escorrendo detrás de mim, como a areia escorre deste balde. Mas, como não olho para trás, e não me dou conta dos meus próprios pecados, fui chamado para julgar meu próximo!

Os monges desistiram da punição na mesma hora.

Pedindo esmolas

Faz parte do treinamento dos monges zenbudistas uma prática conhecida como takuhatsu - a peregrinação para mendigar. Além de ajudar os mosteiros que vivem de doações e forçar o discípulo a ser humilde, esta prática tem ainda um outro sentido: purificar a cidade onde mora.

Isto porque - segundo a filosofia Zen - o doador, o pedinte, e a própria esmola fazem parte de uma importante cadeia de equilíbrio.

Aquele que pede, assim o faz porque está precisando; mas aquele que dá, age desta maneira porque também está precisando.

A esmola serve como a ligação entre duas necessidades, e o ambiente da cidade melhora, já que todos puderam realizar ações que precisavam ter acontecido.

Moisés divide as águas

“Às vezes a gente se acostuma com o que vê nos filmes, e termina esquecendo a verdadeira história”, diz um amigo, enquanto olhamos juntos o porto de Miami. “Lembra-se dos “Dez Mandamentos?” “

Claro que me lembro. Moisés – Charlton Heston – em determinado momento levanta seu bastão, as águas se dividem, e o povo hebreu atravessa a grande água.

“Na Bíblia é diferente”. Comenta meu amigo. “Ali, Deus ordena a Moisés: “diz aos filhos de Israel que marchem”. E só depois que começam a andar é que Moisés levanta o bastão, e o Mar Vermelho se abre”.

“Só a coragem no caminho faz com que o caminho se manifeste”.

Agindo no impulso

O padre Zeca, da Igreja da Ressurreição em Copacabana, conta que estava num ônibus, e de repente escutou uma voz dizendo que ele devia levantar-se e pregar a palavra de Cristo ali mesmo.

Zeca começou a conversar com a voz: “vão me achar ridículo, isto não é lugar para sermão”, disse. Mas algo dentro dele insistia era preciso falar. “Sou tímido, por favor não me peça isto”, implorou.

O impulso interior persistia.

Então ele lembrou-se de sua promessa – abandonar-se a todos os designios de Cristo. Levantou – morrendo de vergonha – e começou a falar do Evangelho. Todos escutaram em silêncio. Ele olhava cada passageiro, e eram raros os que desviavam os

olhos. Disse tudo que sentia, terminou seu sermão, e sentou-se de novo.

Até hoje não sabe que tarefa cumpriu naquele momento. Mas tem absoluta certeza de que cumpriu uma tarefa.

Preciso viver minhas graças

Preciso viver todas as graças que Deus me deu hoje. A graça não pode ser economizada. Não existe um banco onde depositamos as graças recebidas, para utilizá-las de acordo com nossa vontade. Se eu não usufruir destas bênçãos, vou perde-las irremediavelmente.

Deus sabe que somos artistas da vida. Um dia nos dá formão para esculturas, outro dia pincéis e tela, outro dia nos dá uma pena para escrever. Mas jamais conseguiremos usar formão em telas, ou penas em esculturas. A cada dia, o seu milagre. Preciso aceitar as bênçãos de hoje, para criar o que tenho; se fizer isso com desapego e sem culpa, amanhã receberei mais.

Mojud e a vida inexplicável

Mojud era um funcionário de uma repartição pública em uma pequena cidade do interior. Não tinha qualquer perspectiva de um emprego melhor, e seu país atravessava uma grande crise econômica, e Mojud já estava resignado em passar o resto de sua vida trabalhando oito horas por dia, e tentando divertir-se durante as noites e os finais de semana, vendo televisão.

Certa tarde, Mojud viu dois galos brigando. Com pena dos animais, foi até o meio da praça para separa-los, sem dar-se conta que estava interrompendo uma luta de galos-de-briga. Irritados, os espectadores espancaram Mojud. Um deles ameaçou-o de morte, porque o seu

galo estava quase ganhando, e ia receber uma fortuna em apostas.

Com medo, Mojud resolveu deixar a cidade. As pessoas estranharam quando ele não apareceu no emprego – mas como havia vários candidatos para o posto, esqueceram rápido o antigo funcionário.

Depois de três dias viajando, Mojud encontrou um pescador.

- Onde você está indo? – perguntou o pescador.

- Não sei.

Compadecido da situação do homem, o pescador levou-o para sua casa. Depois de uma noite de conversas, descobriu que Mojud sabia ler, e propôs um trato: ensinaria o recém-chegado a pescar, em troca de aulas de alfabetização.

Mojud aprendeu a pescar. Com o dinheiro dos peixes, comprou livros para poder ensinar ao pescador. Lendo, aprendeu coisas que não conhecia.

Um dos livros, por exemplo, ensinava marcenaria, e Mojud resolveu montar uma pequena oficina.

Ele e o pescador compraram ferramentas, e passaram a fazer mesas, cadeiras, estantes, equipamentos de pesca.

Muitos anos se passaram. Os dois continuavam a pescar, e contemplavam a natureza durante o tempo que passavam no rio. Os dois também continuavam a estudar, e os muitos livros desvendavam a alma humana. Os dois continuavam a trabalhar na marcenaria, e o trabalho físico os deixava saudáveis e fortes.

Mojud adorava conversar com os fregueses. Como agora era um homem culto, sábio, e saudável, as pessoas lhe pediam conselhos. A cidade inteira começou a progredir, porque todos viam em Mojud alguém capaz de dar boas soluções aos problemas da região.

Os jovens da cidade formaram um grupo de estudos com Mojud e o pescador, e logo espalharam aos quatro ventos que eram

discípulos de sábios. Um dos jovens perguntou, certa tarde:

- Mojud resolveu abandonar tudo para dedicar-se a busca da sabedoria?

- Não – respondeu Mojud. – Eu tinha medo de ser assassinado na cidade onde vivia.

Mas os discípulos aprendiam coisas importantes, e logo transmitiam a outras pessoas. Um famoso biógrafo foi chamado para relatar a vida dos Dois Sábios, como eram agora conhecidos. Mojud e o pescador contaram o que tinha acontecido.

- Mas nada disso reflete a sabedoria de vocês – disse o biógrafo.

- Tem razão – respondeu Mojud. – Mas é a verdade. – Nada de especial aconteceu em nossas vidas.

O biógrafo escreveu durante cinco meses. Quando o livro foi publicado, transformou-se num grande êxito de vendas. Era uma maravilhosa e excitante história de dois homens que buscam o conhecimento, largam tudo que

faziam, lutam contra as adversidades, encontram mestres secretos.

- Não é nada disso – disse Mojud, ao ler sua biografia.

- Santos precisam ter vidas excitantes – respondeu o biógrafo. – Uma história tem que ensinar algo, e a realidade nunca ensina nada.

Mojud desistiu de argumentar. Sabia que a realidade era o que ensinava tudo que um homem precisa saber, mas não adiantava tentar explicar isso.

“Que os tolos continuem vivendo com suas fantasias”, disse para o pescador.

E ambos continuaram a ler, escrever, pescar, trabalhar na marcenaria, ensinar os discípulos, fazer o bem. Só prometeram nunca mais tornar a ler livros sobre vida de santos, já que as pessoas que escrevem este tipo de livro não compreendem uma verdade bem simples: tudo que um homem comum faz em sua vida o aproxima de Deus.

(inspirado em um conto sufi)

Perdoando os inimigos

O abade reuniu-se com seu aluno preferido, e perguntou como ia seu progresso espiritual. O aluno respondeu que estava conseguindo dedicar a Deus todos os momentos de seu dia.

- Então, falta apenas perdoar os seus inimigos.

O rapaz ficou chocado:

- Mas eu não preciso! Não tenho raiva de meus inimigos!

- Você acha que Deus tem raiva de você?

- Claro que não!

- E mesmo assim você pede Seu perdão, não é verdade? Faça o mesmo com seus inimigos, mesmo que não sinta ódio por eles. Quem perdoa, está lavando e perfumando o próprio coração.

Os visitantes indesejáveis

- Não temos portões em nosso mosteiro -
Shanti comentou com o visitante.

- E como fazem com os ladrões?

- Não há nada de valioso aqui dentro. Se houvesse, já teríamos dado a quem precisa.

- E as pessoas inoportunas, que vem perturbar a paz de vocês?

- Nós as ignoramos, e elas vão embora -
disse Shanti.

- Só isto? E isto dá resultado?

Shanti não respondeu. O visitante insistiu algumas vezes. Vendo que não obtinha resposta, resolveu partir.

"Viu como funciona?" disse Shanti para si mesmo, sorrindo.

O discípulo embriagado

Um mestre zen tinha centenas de discípulos. Todos rezavam na hora certa – exceto um, que vivia bêbado.

O mestre foi envelhecendo. Alguns dos alunos mais virtuosos começaram a discutir quem seria o novo líder do grupo, aquele que receberia os importantes segredos da Tradição.

Na véspera de sua morte, porém, o mestre chamou o discípulo bêbado e lhe transmitiu os segredos ocultos.

Uma verdadeira revolta tomou conta dos outros.

- Que vergonha! – gritavam pelas ruas. - Nos sacrificamos por um mestre errado, que não sabe ver nossas qualidades.

Escutando a confusão do lado de fora, o mestre agonizante comentou:

- Eu precisava passar estes segredos para um homem que eu conhecesse bem. Todos os meus alunos eram muito virtuosos, e mostravam apenas suas qualidades. Isso é perigoso; a virtude muitas vezes serve para esconder a vaidade, o orgulho, à intolerância.

“Por isso escolhi o único discípulo que eu conhecia realmente bem, já que podia ver seu defeito: a bebedeira”.

O sapo e a água quente

Vários estudos biológicos demonstram que um sapo colocado num recipiente com a mesma água de sua lagoa, fica estático durante todo o tempo em que aquecemos a água, mesmo que ela ferva. O sapo não reage ao gradual aumento de temperatura (mudanças de ambiente) e morre quando a água ferve.

Inchado e feliz.

Por outro lado, outro sapo que seja jogado nesse recipiente com a água já fervendo, salta imediatamente para fora. Meio chamuscado, porém vivo!

Às vezes, somos sapos fervidos. Não percebemos as mudanças. Achamos que está tudo muito bom, ou que o que está mal vai passar - é só questão de tempo. Estamos prestes a morrer, mas ficamos boiando, estáveis e apáticos, na água que se aquece a cada minuto.

Acabamos morrendo, inchadinhos e felizes, sem termos percebido as mudanças à nossa volta.

Sapos fervidos não percebem que além de ser eficientes (fazer certo as coisas), precisam ser eficazes (fazer as coisas certas). E para que isso aconteça, há a necessidade de um contínuo crescimento, com espaço para o diálogo, para a comunicação clara, para dividir e planejar, para uma relação adulta. O desafio ainda maior está na humildade em atuar respeitando o pensamento do próximo.

Há sapos fervidos que ainda acreditam que o fundamental é a obediência, e não a competência: manda quem pode, e obedece quem tem juízo. E nisso tudo, onde está a vida de verdade? É melhor sair meio chamuscado de uma situação, mas vivos e prontos para agir.

(texto enviado pelo advogado Renato Pacca, que atribui sua autoria a um gerente de uma agencia bancária em São Paulo)

A Lição da Borboleta

Um homem estava observando, horas a fio, uma borboleta esforçando-se para sair do casulo. Ela conseguiu fazer um pequeno buraco, mas seu corpo era grande demais para passar por ali. Depois de muito tempo, ela pareceu ter perdido as forças, e ficou imóvel.

O homem, então, decidiu ajudar a borboleta; com uma tesoura, abriu o restante do casulo, e libertando-a imediatamente. Mas seu corpo estava murcho e era pequeno e tinha as asas amassadas.

O homem continuou a observá-la, esperando que, a qualquer momento, suas asas dela se abrissem e ela levantasse vôo. Mas nada disso aconteceu; na verdade, a borboleta passou o resto da sua vida rastejando com um corpo murcho e asas encolhidas, incapaz de voar.

O que o homem - em sua gentileza e vontade de ajudar - não compreendia, era que o casulo apertado e o esforço necessário à borboleta para passar através da pequena abertura, foi o modo escolhido pela natureza para exercita-la e fortalecer suas asas.

Algumas vezes, um esforço extra é justamente o que nos prepara para o próximo obstáculo a ser enfrentado. Quem se recusa a fazer este esforço, ou quem tem uma ajuda errada, termina sem condições de vencer a batalha seguinte, e jamais consegue voar até o seu destino.

(adaptado de historia enviada por Sonaira D'Avila)

Refletindo sobre o aprendizado

O rabino Elisha ben Abuyah costumava dizer:

“Aqueles que estão abertos às lições da vida, e que não se alimentam de preconceitos, são como uma folha em branco, onde Deus escreve suas palavras com a tinta divina.

“Aqueles que estão sempre olhando o mundo com cinismo e preconceito, são como uma folha já escrita, onde não cabem novas palavras.

“Não se preocupe com o que já sabe, ou com o que ignora. Não pense no passado nem no futuro, apenas deixe que as mãos divinas tracem, a cada dia, as surpresas do presente”

A corrida de bicicleta

A vida é como uma grande corrida de bicicleta - cuja meta é cumprir a lenda Pessoal.

Na largada, estamos juntos - compartilhando camaradagem e entusiasmo. Mas, à medida que a corrida se desenvolve, a alegria inicial cede lugar aos verdadeiros desafios: o cansaço, a monotonia, as dúvidas sobre a própria capacidade.

Reparamos que alguns amigos desistiram do desafio - ainda estão correndo, mas apenas por que não podem parar no meio de uma estrada; eles são numerosos, pedalam ao lado do carro de apoio, conversam entre si, e cumprem uma obrigação.

Terminamos por nos distanciar deles; e então somos obrigados a enfrentar a solidão, as surpresas com as curvas desconhecidas, os problemas com a bicicleta. E, ao cabo de algum

tempo, começamos a nos perguntar se vale a pena tanto esforço.

Sim, vale a pena. É só não desistir.

Santo Agostinho e a lógica

Deus fala conosco através de sinais. É uma linguagem individual, que requer fé e disciplina para ser totalmente absorvida.

Santo Agostinho foi convertido desta maneira. Durante anos procurou, em várias correntes filosóficas, uma resposta para o sentido da vida. Certa tarde, no jardim de sua casa em Milão, refletia sobre o fracasso de toda a sua busca. Neste momento, escutou uma criança na rua, cantando: “Pega e lê! Pega e lê!”

Apesar de sempre ter sido governado pela lógica, resolveu - num impulso - abrir o primeiro livro ao seu alcance. Era a Bíblia, e ele leu um trecho de São Paulo - com as respostas que procurava.

A partir daí, a lógica de Agostinho abriu espaço para que a fé também pudesse participar, e ele se transformou num dos maiores teólogos da Igreja.

As quatro forças

O padre Alan Jones diz que, para a construção de nossa alma, precisamos das Quatro Forças Invisíveis: amor, morte, poder e tempo.

É necessário amar, porque somos amados por Deus. É necessária a consciência da morte, para entender bem a vida.

É necessário lutar para crescer - mas sem cair na armadilha do poder que conseguimos com isto, porque sabemos que ele não vale nada.

Finalmente, é necessário aceitar que nossa alma - embora seja eterna - está neste momento presa na teia do tempo, com suas oportunidades e limitações. Assim, temos que agir como se o tempo existisse, fazer o possível para valorizar cada segundo.

Estas Quatro Forças não podem ser tratadas como problemas a serem resolvidos, porque estão além de qualquer controle. Precisamos aceita-las, e deixar que nos ensinem o que precisamos aprender.

Culpando os outros

Todos nós já escutamos nossa mãe dizendo a respeito de nós mesmos: “meu filho fez isto porque porque perdeu a cabeça, mas - no fundo - é uma pessoa muito boa”.

Uma coisa é viver culpando-se por atos impensados que nos fizeram errar; a culpa não nos leva a lugar nenhum, e pode nos tirar o estímulo de melhorar. Outra coisa, porém, é viver se perdoando por tudo que fazemos; agindo assim, nunca seremos capazes de corrigir nosso caminho.

Existe o bom senso, e devemos julgar o resultado de nossas atitudes - e não as intenções que tivemos ao realiza-las. No fundo, todo mundo é bom, mas isto não interessa.

Disse Jesus: “é pelos frutos que se conhece a árvore”.

Diz um velho provérbio árabe: “ Deus julga a árvore por seus frutos, e não por suas raízes”.

Como fazer o que quero

Assim que morreu, Juan encontrou-se num belíssimo lugar, rodeado pelo conforto e beleza que sonhava. Um sujeito vestido de branco aproximou-se:

- Você tem direito ao que quiser: qualquer alimento, prazer, diversão - disse.

Encantado, Juan fez tudo que sonhou fazer durante a vida. Depois de muitos anos de prazeres, procurou o sujeito de branco:

- Já experimentei o que tinha vontade. Preciso agora de um trabalho, para me sentir útil.

- Sinto muito - disse o sujeito de branco. Mas esta é a única coisa que não posso conseguir; aqui não há trabalho.

- Que terrível! – irritou-se Juan. - Passarei a eternidade morrendo de tédio! Preferia mil vezes estar no inferno!

O homem de branco aproximou-se, e disse em voz baixa:

- E onde o senhor pensa que está?

Qual o sentido das coroas

Quando Moisés subiu aos céus para escrever determinada parte da Bíblia, o Todo Poderoso pediu para que desenhasse pequenas coroas em cima de algumas letras da Torah.

Moisés disse:

- Criador do Universo, por que colocar estas coroas?

-Porque daqui a cem gerações, um homem chamado Akiva irá interpretar o verdadeiro significado destes desenhos.

- Mostre-me a interpretação deste homem - pediu Moisés.

O Senhor levou Moisés ao futuro, e colocou-o numa das aulas do rabino Akiva. Um aluno perguntava:

- Rabino, por que estas coroas desenhadas em cima de algumas letras?

- Não sei - respondeu Akiva. - E acredito que nem Moisés sabia. Mas como ele era o maior de todos os profetas, fez isto apenas para nos ensinar que, mesmo sem compreender tudo que o Senhor faz, ainda assim devemos fazer o que nos pede.

E Moisés pediu perdão ao Senhor.

Ser diabo não é fácil

O demônio disse para Buda:

- Ser o diabo não é fácil. Quando falo, tenho que usar enigmas, para que as pessoas não percebam a tentação. Sempre preciso parecer esperto e inteligente, para que me admirem. Gasto muita energia para convencer uns poucos discípulos que o inferno é mais interessante. Estou velho, quero passar meus alunos para você.

Buda sabia que aquilo era uma armadilha: se aceitasse a proposta, ele se transformaria em demônio, e o demônio viraria Buda.

- Você acha que é divertido ser Buda - respondeu. Além de ter que fazer as mesmas coisas que você faz, ainda preciso agüentar o que meus discípulos fazem comigo! Colocam em meus lábios palavras que não disse, cobram por meus ensinamentos, e exigem que eu seja

sábio o tempo todo! Você jamais agüentaria uma vida como esta!

O diabo ficou convencido de que trocar de papel era realmente um mau negócio, e Buda escapou à tentação.

O poder da palavra

De todas as poderosas armas de destruição que o homem foi capaz de inventar, a mais terrível - e a mais covarde - é a palavra.

Punhais e armas de fogo deixam vestígios de sangue. Bombas abalam edifícios e ruas. Venenos terminam sendo detectados.

Mas a palavra destruidora consegue despertar o Mal sem deixar pistas. Crianças são condicionadas durante anos pelos pais, artistas são impiedosamente criticados, mulheres são sistematicamente massacradas por comentários de seus maridos, fiéis são mantidos longe da religião por aqueles que se julgam capazes de interpretar a voz de Deus.

Procure ver se você está utilizando esta arma. Procure ver se estão utilizando esta arma em você. E não permita nenhuma destas duas coisas.

Apolo e Daphne

O deus Apolo persegue a ninfa Daphne pelo bosque. Está apaixonado por ela, mas Daphne - sempre cortejada por todos - não agüenta mais o seu próprio brilho, e pede ajuda aos deuses, dizendo:

“ Destrói esta beleza que nunca me deixa em paz”

Os deuses escutam o apelo de Daphne e a transformam numa árvore, o loureiro. Apolo não consegue mais encontra-la, pois agora ela é apenas uma parte da vegetação.

Daphne agiu de uma maneira que todos nós conhecemos bem: muitas vezes matamos nossos talentos, porque não sabemos o que fazer com eles.

É mais confortável a mediocridade de ser apenas “mais um”, do que a luta para mostrar

tudo aquilo do que somos capazes de fazer com os dons que Deus nos deu.

Não há dois caminhos iguais

Em um dos seus raros escritos, o sábio sufi Hafik comenta a busca espiritual.

"Aceite com sabedoria o fato de que o Caminho está cheio de contradições. O Caminho muitas vezes nega-se a si mesmo, para estimular o viajante a descobrir o que existe além da próxima curva.

" Se dois companheiros de jornada estão seguindo o mesmo método, isto significa que um deles está na pista falsa. Porque não há fórmulas para se atingir a verdade do Caminho, e cada um precisa correr os riscos de seus próprios passos.

"Só os ignorantes procuram imitar o comportamento dos outros. Os homens inteligentes não perdem seu tempo com isto, e

desenvolvem suas habilidades pessoais; sabem que não existem duas folhas iguais numa floresta de cem mil árvores. Não existem duas viagens iguais no mesmo Caminho"

Dona Baratinha e a moeda

Uma velha estória infantil nos fala de D. Baratinha - que encontrou uma moeda ao varrer sua casa. Depois de ficar muito tempo na janela, escolhendo o pretendente adequado aos seus medos e anseios, terminou casando-se com João Ratão. Como todos sabemos, João Ratão caiu na panela do feijão.

Muitas vezes em nossas vidas, encontramos uma moeda que nos é dada pelo destino, e achamos que este é o único tesouro de nossas vidas. Terminamos por valoriza-lo tanto, que o destino - o mesmo que nos entregou esta moeda - se encarrega de toma-la de volta.

Quem tem muito medo de escolher, sempre escolhe errado.

Imitando o mestre

Um discípulo que amava e admirava seu mestre, resolveu observá-lo em todos os detalhes, acreditando que – ao fazer o que ele fazia, iria também adquirir sua sabedoria.

O mestre só usava roupas brancas, e o discípulo passou a vestir-se da mesma maneira.

O mestre era vegetariano, e o discípulo deixou de comer qualquer tipo de carne, substituindo sua alimentação por ervas.

O mestre era um homem austero, e o discípulo resolveu dedicar-se ao sacrifício, passando a dormir numa cama de palha.

Passado algum tempo, o mestre notou a mudança de comportamento do seu discípulo, e foi ver o que estava acontecendo.

- Estou subindo os degraus de iniciação – foi a resposta. – O branco de minha roupa mostra a simplicidade da busca, a alimentação

vegetariana purifica o meu corpo, e a falta de conforto faz com que eu pense apenas nas coisas espirituais.

Sorrindo, o mestre o levou até um campo onde um cavalo pastava.

- você passou este tempo olhando apenas para fora, quando isso é o que menos importa – disse. – Está vendo aquele animal ali? Ele tem a pele branca, come apenas ervas, e dorme num celeiro com palha do chão. você acha que ele tem cara de santo, ou chegará algum dia a ser um verdadeiro mestre?

Porque deixar o homem para o sexto dia

Um grupo de sábios reuniu-se num castelo em Akbar, para discutir a obra de Deus; queriam saber por que havia deixado para criar o homem no sexto dia.

- Ele pensava em organizar bem o Universo, de modo que pudéssemos ter todas as maravilhas a nossa disposição - disse um.

- Ele quis primeiro fazer alguns testes com animais, de modo a não cometer os mesmos erros conosco - argumentou outro.

Um sábio judeu apareceu para o encontro. O tema da discussão lhe foi comunicado: “na sua opinião, por que Deus deixou para criar o homem no último dia?”

- Muito simples - comentou o sábio. - Para que, quando fossemos tocados pelo orgulho,

pudéssemos refletir: até mesmo um simples mosquito teve prioridade no trabalho Divino.

O exorcismo

Um homem chamou um padre para fazer um exorcismo em sua casa. Foi morar num hotel, e deixou-o entregue ao trabalho.

O sacerdote passou alguns dias dormindo no lugar mal-assombrado, colocou água-benta em todos os quartos, fez orações, e - quando deu sua tarefa por encerrada - chamou de volta o proprietário, dizendo que o resultado fora fantástico.

- Quantos demônios você exorcizou? – quis saber ele.

- Nenhum.

- E quantos viu na minha casa?

- Nenhum.

- Então com o resultado pode ter sido fantástico?

- Quando se está lidando com as forças do mal, nenhum é mais do que suficiente.

Da caridade ameaçada

Há algum tempo, minha mulher ajudou um turista suíço em Ipanema, que se dizia vítima de pivetes. Num sotaque carregado, falando péssimo português, afirmou estar sem passaporte, dinheiro, lugar para dormir.

Minha mulher pagou-lhe um almoço, deu-lhe a quantia necessária para que pudesse passar uma noite no hotel enquanto contactava sua embaixada, e foi embora. Dias depois, um jornal carioca noticiava que o tal “turista suíço” era na verdade mais um criativo malandro, fingindo um sotaque inexistente, abusando da boa-fé de pessoas que amam o Rio, e desejam desfazer a imagem negativa – justa ou injusta – que se tornou o nosso cartão postal.

Ao ler a notícia, minha mulher fez apenas um comentário: “não é isso que irá me impedir de ajudar ninguém.”

Seu comentário me fez lembrar a história do sábio que, certa tarde, chegou à cidade de Akbar. As pessoas não deram muita importância a sua presença, e seus ensinamentos não conseguiram interessar a população. Depois de algum tempo, ele tornou-se motivo de riso e ironia dos habitantes da cidade.

Um dia, enquanto passeava pela rua principal de Akbar, um grupo de homens e mulheres começou a insultá-lo. Ao invés de fingir que ignorava o que acontecia, o sábio foi até eles, e abençoou-os.

Um dos homens comentou:

- Será que, além de tudo, estamos diante de um homem surdo? Gritamos coisas horríveis, e o senhor nos responde com belas palavras!

- Cada um de nós só pode oferecer o que tem – foi a resposta do sábio.

Os desejos negativos

O discípulo disse ao mestre:

- Tenho passado grande parte do meu dia pensando coisas que não devia pensar, desejando coisas que não devia desejar, fazendo planos que não devia fazer.

O mestre convidou o discípulo para um passeio na floresta perto de sua casa; no caminho, apontou uma planta e perguntou se o discípulo sabia o que era.

- Beladona - disse do discípulo. - Pode matar quem comer suas folhas.

- Mas não pode matar quem simplesmente a contempla. Da mesma maneira, os desejos negativos não podem causar nenhum mal – se você não se deixar seduzir por eles.

O mestre não sofre com os maus discípulos?

Um discípulo perguntou a Firoz:

- A simples presença de um mestre, faz com que todo tipo de curioso se aproxime, para descobrir algo do que se possam beneficiar. Isto não pode ser prejudicial e negativo? Isto não pode desviar o mestre do seu caminho, ou fazer com que sofra porque não conseguiu ensinar o que queria?

Firoz, o mestre sufi, respondeu:

- A visão de um abacateiro carregado de frutas desperta o apetite de todos que passam por perto. Se alguém deseja saciar sua fome além da sua capacidade, termina comendo mais abacates que necessário, e passa mal. Entretanto, isto não causa nenhum tipo de indigestão ao dono do abacateiro.

“O mesmo se passa com a Busca. O caminho precisa estar aberto para todos; mas Deus se encarrega de colocar os limites de cada um”.

Além dos próprios limites

Um arqueiro caminhava pelas redondezas de um mosteiro hindu conhecido por sua dureza nos ensinamentos, quando viu os monges no jardim - bebendo e se divertindo.

“Como são cínicos aqueles que buscam o caminho de Deus”, disse o arqueiro em voz alta. “Dizem que a disciplina é importante, e se embriagam às escondidas!”

“Se você disparar cem flechas seguidas, o que acontecerá com o seu arco?”, perguntou o mais velho dos monges.

“Meu arco se quebrará”, respondeu o arqueiro.

“Se alguém se esforça além dos próprios limites, também quebra sua vontade”, disse o monge. “Quem não equilibra trabalho com

descanso, perde o entusiasmo, esgota sua energia, e não chega muito longe”.

Ainda está faltando algo

O mestre yogue Paltrul Rinpoché ouviu falar de um ermitão com fama de santo, que morava na montanha. E foi encontrá-lo.

- De onde vem você? - perguntou o ermitão.

- Venho de onde minhas costas apontam, e vou para onde está voltado meu rosto - respondeu Rinpoché. – Um sábio deveria saber disso.

- É uma resposta tola e metida a filosófica – resmungou o ermitão.

- E o senhor, o que faz?

- Medito há vinte anos sobre a perfeição da paciência. Estou perto de ser considerado santo.

- As pessoas já o consideram assim - comentou Rinpoché. Você conseguiu enganar todo mundo!

Furioso, o ermitão levantou-se:

- Como ousa perturbar um homem que busca a santidade? – gritou.

- Ainda falta muito para chegar a isso – disse o yogue. – Se uma simples brincadeira o faz perder a paciência que tanto busca, estes vinte anos foram uma completa falta de tempo!

Uma lenda árabe da criação

No seu “Livro do Fantasma”, Alejandro Dolina associa a história da areia à uma das lendas da criação do povo árabe.

Diz ele que, assim que terminou de construir o mundo, um dos anjos advertiu o Todo-Poderoso que esquecera de colocar areia na Terra; grave defeito, se considerarmos que os seres humanos estariam privados para sempre de caminhar junto aos mares, massageando seus pés cansados e sentindo o contacto com o chão.

Além disso, o fundo dos rios seria sempre ríspido e pedregoso, os arquitetos não poderiam usar um material indispensável, as pegadas dos namorados seriam invisíveis; disposto a remediar seu esquecimento, Deus enviou o Arcanjo Gabriel com uma enorme bolsa, para

que derramasse areia em todos os lugares que fosse necessário.

Gabriel fez as praias, o leito dos rios, e quando voltava para o céu trazendo o material que havia sobrado, o Inimigo – sempre atento, sempre disposto a estragar a obra do Todo-Poderoso – conseguiu fazer um furo na bolsa, que arreventou, derramando todo o seu conteúdo. Isso aconteceu no lugar que é hoje a Arábia, e quase toda a região se transformou num imenso deserto.

Gabriel, desolado, foi pedir desculpas ao Senhor, por ter deixado que o Inimigo se aproximasse sem ser visto. E Deus, em Sua infinita sabedoria, resolveu recompensar o povo árabe pelo erro involuntário do seu mensageiro.

Criou para eles um céu cheio de estrelas, como não existe em nenhum outro lugar do mundo, para que sempre olhassem para o alto.

Criou o turbante, que – debaixo do sol do deserto – é muito mais valioso que uma coroa.

Criou a tenda, permitindo que as pessoas se movessem de um lugar para o outro, sempre

tendo novas paisagens ao redor, e sem as obrigações aborrecidas de manutenção de palácios.

Ensinou o povo a forjar o melhor aço para a espada. Criou o camelo. Desenvolveu a melhor raça de cavalos.

E lhe deu algo mais precioso que estas e todas as outras coisas juntas: a palavra, o verdadeiro ouro dos árabes. Enquanto os outros povos modelavam os metais e as pedras, os povos da Arábia aprendiam a modelar o verbo.

Ali, o poeta passou a ser sacerdote, juiz, médico, chefe dos beduínos. Seus versos possuem poder: podem trazer alegria, tristeza, saudade. Podem desencadear a vingança e a guerra, unir os amantes, reproduzir o canto dos pássaros.

E conclui Alejandro Dolina:

“Os erros de Deus, como os de grandes artistas, ou dos verdadeiros enamorados, desencadeiam tantas compensações felizes, que às vezes vale a pena desejar-los”.

O jogo de xadrez

O jovem disse ao abade do mosteiro:

- Bem que eu gostaria de ser um monge, mas nada aprendi de importante na vida. Tudo que meu pai me ensinou foi jogar xadrez, que não serve para iluminação. Além do mais, aprendi que qualquer jogo é um pecado.

- Pode ser um pecado mas também pode ser uma diversão, e quem sabe este mosteiro não está precisando um pouco de ambos – foi a resposta.

O abade pediu um tabuleiro de xadrez, chamou um monge, e mandou-o jogar com o rapaz.

Mas antes da partida começar, acrescentou:

- Embora precisemos de diversão, não podemos permitir que todo mundo fique jogando xadrez. Então, teremos apenas o melhor dos jogadores aqui; se nosso monge

perder, ele sairá do mosteiro, e abrirá uma vaga para você.

O abade falava sério. O rapaz sentiu que jogava por sua vida, e suou frio; o tabuleiro tornou-se o centro do mundo.

O monge começou a perder. O rapaz atacou, mas então viu o olhar de santidade do outro; a partir deste momento, começou a jogar errado de propósito. Afinal de contas preferia perder, porque o monge podia ser mais útil ao mundo.

De repente, o abade jogou o tabuleiro no chão.

- você aprendeu muito mais do que lhe ensinaram – disse. – Concentrou-se o suficiente para vencer, foi capaz de lutar pelo que desejava. Em seguida, teve compaixão, e disposição para sacrificar-se em nome de uma nobre causa. Seja bem-vindo ao mosteiro, porque sabe equilibrar a disciplina com a misericórdia.

O lugar dos pecadores

O rabino Wolf entrou por acaso em um bar; algumas pessoas bebiam, outra jogavam cartas, e o ambiente parecia carregado.

O rabino saiu sem comentar nada; um jovem veio atrás dele.

- Sei que não gostou do que viu - disse o rapaz. - Ali só vivem os pecadores.

- Gostei do que vi - disse Wolf. - São homens que estão aprendendo a perder tudo. Quando tiverem mais nada de material neste mundo, só lhes sobrá voltar-se para Deus. E, a partir deste momento, que servos excelentes serão!

Isaac morre

Certo rabino era adorado por sua comunidade; todos ficavam encantados com o que dizia.

Menos Isaac, que não perdia uma chance de contradizer as interpretações do rabino, apontar falhas em seus ensinamentos. Os outros ficavam revoltados com Isaac, mas não podiam fazer nada.

Um dia, Isaac morreu. Durante o enterro, a comunidade notou que o rabino estava profundamente triste.

- Por que tanta tristeza? - comentou alguém. - Ele vivia colocando defeito em tudo que o senhor dizia!

- Não lamento por meu amigo que hoje esta' no céu - respondeu o rabino. - Lamento por mim mesmo. Enquanto todos me reverenciavam, ele me desafiava, e eu era

obrigado a melhorar. Agora que ele se foi,
tenho medo de parar de crescer.

O preço da pergunta

O rabino vivia ensinando que as respostas estão dentro de nós mesmos. Mas seus fiéis insistiam em consultá-lo sobre tudo que faziam.

Um dia, o rabino teve uma idéia: colocou um cartaz na porta de sua casa, e escreveu:

RESPONDO CADA PERGUNTA POR 100 MOEDAS.

Um comerciante resolveu pagar. Deu o dinheiro ao rabino, comentando:

- O senhor não acha caro cobrar tanto por uma pergunta?

- Acho - disse o rabino. - E acabo de responde-la. Se quiser saber mais, pague outras 100 moedas. Ou procure a resposta em você mesmo, que é mais barato e mais eficaz.

A partir deste dia, nunca mais o perturbaram.

Perdoando no mesmo espírito

O rabi Nahum de Chernobyl vivia sendo ofendido por um comerciante. Um dia, os negócios deste último começaram a andar muito mal.

"Deve ser o rabino, que está pedindo vingança a Deus", pensou. E foi pedir desculpas a Nahum.

- Eu o perdôo com o mesmo espírito que você me pede perdão - respondeu o rabino.

Mas as perdas do homem cresceram cada vez mais, ate' que ele ficou reduzido à miséria. Os discípulos de Nahum, horrorizados, foram perguntar o que tinha acontecido.

- Eu o perdoei, mas ele continuou me odiando no fundo de seu coração - disse o rabino. - Então, seu ódio contaminou tudo que

fazia, e a punição de Deus tornou-se ainda mais severa.

Para manter o diálogo

A esposa do rabino Iaakov era uma mulher muito difícil; vivia procurando um motivo para discutir com o marido.

Iaakov nunca respondia as provocações.

Até que, durante um jantar com alguns amigos, o rabino terminou discutindo ferozmente com sua mulher, surpreendendo a todos na mesa.

- O que aconteceu? - perguntou um amigo de Iaakov.- Por que abandonou seu costume de jamais responder?

- Porque percebi que o que mais perturbava minha mulher era o fato de ficar em silêncio. Agindo assim, eu permanecia distante de suas emoções.

"Minha reação foi um ato de amor, e eu consegui fazê-la entender que escutava suas palavras".

Um tradicional conto sufi

Há muitos anos, numa pobre aldeia chinesa, vivia um lavrador com seu filho. Seu único bem material, além da terra e da pequena casa de palha, era um cavalo que havia sido herdado de seu pai.

Um belo dia, o cavalo fugiu, deixando o homem sem o animal para lavrar a terra. Seus vizinhos – que o respeitavam muito por sua honestidade e diligência – vieram até sua casa para dizer o quanto lamentavam o ocorrido. Ele agradeceu a visita, mas perguntou:

- Como vocês podem saber que o que ocorreu foi uma desgraça na minha vida?

Alguém comentou baixinho com um amigo: “ele não quer aceitar a realidade,

deixemos que pense o que quiser, desde que não se entristeça com o ocorrido”.

E os vizinhos foram embora, fingindo concordar com o que haviam escutado.

Uma semana depois, o cavalo retornou ao estábulo, mas não vinha sozinho; trazia uma bela égua como companhia. Ao saber disso, os habitantes da aldeia – alvoroçados, porque só agora entendiam a resposta que o homem lhes havia dado – retornaram à casa do lavrador, para cumprimenta-lo pela sua sorte.

- você antes tinha apenas um cavalo, e agora possui dois. Parabéns! – disseram.

- Muito obrigado pela visita e pela solidariedade de vocês – respondeu o lavrador. – Mas como vocês podem saber que o que ocorreu é uma benção na minha vida?

Desconcertados, e achando que o homem estava ficando louco, os vizinhos foram embora, comentando no caminho “será que este homem não entende que Deus lhe enviou um presente?”

Passado um mês, o filho do lavrador resolveu domesticar a égua. Mas o animal saltou de maneira inesperada, e o rapaz caiu de mau jeito – quebrando uma perna.

Os vizinhos retornaram à casa do lavrador – levando presentes para o moço ferido. O prefeito da aldeia, solenemente, apresentou as condolências ao pai, dizendo que todos estavam muito tristes com o que tinha acontecido.

O homem agradeceu a visita e o carinho de todos. Mas perguntou:

- Como vocês podem saber se o que ocorreu foi uma desgraça na minha vida?

Esta frase deixou a todos estupefatos, pois ninguém pode ter a menor dúvida que um acidente com um filho é uma verdadeira tragédia. Ao saírem da casa do lavrador, diziam uns aos outros: “o homem enlouqueceu mesmo; seu único filho pode ficar coxo para sempre, e ele ainda tem dúvidas se o que ocorreu é uma desgraça”.

Alguns meses transcorreram, e o Japão declarou guerra contra a China. Os emissários

do imperador percorreram todo o país, em busca de jovens saudáveis para serem enviados à frente de batalha. Ao chegarem na aldeia, recrutaram todos os rapazes, exceto o filho do lavrador, que estava com uma perna quebrada.

Nenhum dos rapazes retornou vivo. O filho se recuperou, os dois animais deram crias que foram vendidas e rederam um bom dinheiro. O lavrador passou a visitar seus vizinhos para consola-los e ajuda-los – já que tinham se mostrado solidários com ele em todos os momentos. Sempre que algum deles se queixava, o lavrador dizia: “como sabe se isso é uma desgraça?” Se alguém se alegrava muito, ele perguntava: “Como sabe se isso é uma benção?” E os homens daquela aldeia entenderam que, além das aparências, a vida tem outros significados.

De árvores e cidades

No deserto de Mojave, é freqüente encontramos as famosas cidades-fantasma: construídas perto de minas de ouro; eram abandonadas quando todo o produto da terra tinha sido extraído. Haviam cumprido seu papel, e não tinha mais sentido continuar sendo habitadas.

Quando passeamos por uma floresta, também vemos árvores que - uma vez cumprido seu papel, terminaram caindo. Mas, diferente das cidades-fantasma, o que aconteceu? Abriram espaço para que a luz penetrasse, fertilizaram o solo, e tem seus troncos cobertos de vegetação nova.

A nossa velhice vai depender da maneira que vivemos. Podemos terminar como uma cidade - fantasma. Ou então como uma

generosa árvore, que continua a ser importante,
mesmo depois de caída por terra.

Sobre o ritmo e o Caminho

- Faltou algo em sua palestra sobre o Caminho de Santiago - me diz uma peregrina, assim que saímos da Casa de Galicia, em Madrid, onde minutos antes eu acabara de dar uma conferência.

Deve ter faltado muita coisa, pois minha intenção ali era de apenas compartilhar um pouco minha experiência. Mesmo assim, convido-a para tomar um café, curioso em saber o que ela considera como uma omissão importante.

E Begoña – este é seu nome – me diz:

- Tenho notado que a maioria dos peregrinos, seja no Caminho de Santiago, seja nos caminhos da vida, sempre procura seguir o ritmo dos outros.

“No início de minha peregrinação, procurava ir junto com meu grupo. Me cansava, exigia de meu corpo mais do que podia dar, vivia tensa, e terminei tendo problemas nos tendões do pé esquerdo. Impossibilitada de andar por dois dias, entendi que só conseguiria chegar a Santiago se obedecesse meu ritmo pessoal.

“Demorei mais que os outros, tive que andar sozinha por muitos trechos ~ mas foi só porque respeitei meu próprio ritmo que consegui completar o caminho. Desde então aplico isso a tudo que preciso fazer na vida: respeito o meu tempo”.

Tudo vira pó

As festas de Valência, na Espanha, têm um curioso ritual, cuja origem está na antiga comunidade dos carpinteiros.

Durante o ano inteiro, artesãos e artistas constroem esculturas gigantescas em madeira. Na semana de festa, levam estas esculturas para o centro da praça principal. As pessoas passam, comentam, se deslumbram e se comovem diante de tanta criatividade. Então, no dia de São José, todas estas obras de arte - exceto uma - são queimadas numa gigantesca fogueira, diante de milhares de curiosos.

- Por que tanto trabalho a toa? - perguntou uma inglesa ao meu lado, enquanto as imensas labaredas subiam aos céus.

- Você também vai acabar um dia - respondeu uma espanhola. - Já imaginou se,

neste momento, algum anjo perguntasse a Deus:
“porque tanto trabalho a toa?”

O vaso com rachaduras

Conta a lenda indiana que um homem transportava água todos os dias para a sua aldeia, usando dois grandes vasos que prendia nas extremidades de um pedaço de madeira, e colocava atravessado nas costas.

Um dos vasos era mais velho que o outro, e tinha pequenas rachaduras; cada vez que o homem percorria o caminho até sua casa, metade da água se perdia.

Durante dois anos o homem fez o mesmo percurso. O vaso mais jovem estava sempre muito orgulhoso de seu desempenho, e tinha certeza que estava à altura da missão para o qual tinha sido criado, enquanto o outro vaso morria de vergonha por cumprir apenas a metade de sua tarefa, mesmo sabendo que aquelas rachaduras eram fruto de muito tempo de trabalho.

Estava tão envergonhado que um dia, enquanto o homem se preparava para pegar água no poço, decidiu conversar com ele:

- Quero pedir desculpas, já que devido ao meu tempo de uso, você só consegue entregar metade da minha carga, e saciar a metade da sede que espera em sua casa.

O homem sorriu, e lhe disse:

- Quanto voltarmos, por favor olhe cuidadosamente o caminho.

Assim foi feito. E o vaso notou que, do seu lado, cresciam muitas flores e plantas.

- Vê como a natureza é mais bela do seu lado? – comentou o homem. – Sempre soube que você tinha rachaduras, e resolvi aproveitar-me deste fato. Semeei hortaliças, flores e legumes, e você as tem regado sempre. Já recolhi muitas rosas para decorar minha casa, alimentei meus filhos com alface, couve e cebolas. Se você não fosse como é, com poderia ter feito isso.

“ Todos nós, em algum momento, envelhecemos e passamos a ter outras

qualidades. É sempre possível aproveitar cada uma destas novas qualidades para obter um bom resultado. “

Como a trilha foi aberta

Na edição n. 106 do Jornalinho, (Portugal), encontro uma história que muito nos ensina a respeito daquilo que escolhemos sem pensar:

Um dia, um bezerro precisou atravessar uma floresta virgem para voltar a seu pasto. Sendo animal irracional, abriu uma trilha tortuosa, cheia de curvas, subindo e descendo colinas.

No dia seguinte, um cão que passava por ali, usou essa mesma trilha para atravessar a floresta. Depois foi a vez de um carneiro, líder de um rebanho, que vendo o espaço já aberto, fez seus companheiros seguirem por ali.

Mais tarde, os homens começaram a usar esse caminho: entravam e saíam, viravam à direita, à esquerda, abaixavam-se, desviavam-se de obstáculos, reclamando e praguejando – com

toda razão. Mas não faziam nada para criar uma nova alternativa.

Depois de tanto uso, a trilha acabou virando uma estradinha onde os pobres animais se cansavam sob cargas pesadas, sendo obrigados a percorrer em três horas uma distância que poderia ser vencida em trinta minutos, caso não seguissem o caminho aberto por um bezerro.

Muitos anos se passaram e a estradinha tornou-se a rua principal de um vilarejo, e posteriormente a avenida principal de uma cidade. Todos reclamavam do trânsito, porque o trajeto era o pior possível.

Enquanto isso, a velha e sábia floresta ria, ao ver que os homens tem a tendência de seguir como cegos o caminho que já está aberto, sem nunca se perguntarem se aquela é a melhor escolha.

Viajando de maneira diferente

Desde de muito jovem descobri que a viagem era, para mim, a melhor maneira de aprender. Continuo até hoje com esta alma de peregrino, e decidi relatar nesta coluna algumas das lições que aprendi, esperando que possam ser úteis a outros peregrinos como eu.

1] Evite os museus. O conselho pode parecer absurdo, mas vamos refletir um pouco juntos: se você está numa cidade estrangeira, não é muito mais interessante ir em busca do presente que do passado? Acontece que as pessoas sentem-se obrigadas a ir a museus, porque aprenderam desde pequeninas que viajar é buscar este tipo de cultura. É claro que museus são importantes, mas exigem tempo e

objetividade – você precisa saber o que deseja ver ali, ou vai sair com a impressão de que viu uma porção de coisas fundamentais para a sua vida, mas não se lembra quais são.

2] Frequente os bares. Ali, ao contrário dos museus, a vida da cidade se manifesta. Bares não são discotecas, mas lugares aonde o povo vai, toma algo, pensa no tempo, e está sempre disposto a uma conversa. Compre um jornal e deixe-se ficar contemplando o entra-e-sai. Se alguém puxar assunto, por mais bobo que seja, engate a conversa: não se pode julgar a beleza de um caminho olhando apenas sua porta.

3] Esteja disponível. O melhor guia de turismo é alguém que mora no lugar, conhece tudo, tem orgulho de sua cidade, mas não trabalha em uma agência. Saia pela rua, escolha a pessoa com quem deseja conversar, e peça informações (onde fica tal catedral? Onde estão os Correios?) Se não der resultado, tente outra –

garanto que no final do dia irá encontrar uma excelente companhia.

4] Procure viajar sozinho, ou – ser for casado – com seu cônjuge. Vai dar mais trabalho, ninguém vai estar cuidando de você(s), mas só desta maneira poderá realmente sair do seu país. As viagens em grupo são uma maneira disfarçada de estar numa terra estrangeira, mas falando a sua língua natal, obedecendo ao que manda o chefe do rebanho, preocupando-se mais com as fofocas do grupo do que com o lugar que se está visitando.

5] Não compare. Não compare nada - nem preços, nem limpeza, nem qualidade de vida, nem meio de transportes, nada! você não está viajando para provar que vive melhor que os outros – sua procura, na verdade, é saber como os outros vivem, o que podem ensinar, como se enfrentam com a realidade e com o extraordinário da vida.

6] Entenda que todo mundo lhe entende. Mesmo que não fale a língua, não tenha medo: já estive em muitos lugares onde não havia maneira de me comunicar através de palavras, e terminei sempre encontrando apoio, orientação, sugestões importantes, e até mesmo namoradas. Algumas pessoas acham que, se viajarem sózinhas, vão sair na rua e se perder para sempre. Basta ter o cartão do hotel no bolso, e – numa situação extrema – tomar um táxi e mostrá-lo ao motorista.

7] Não compre muito. Gaste seu dinheiro com coisas que não vai precisar carregar: boas peças de teatro, restaurantes, passeios. Hoje em dia, com o mercado global e a Internet, você pode ter tudo sem precisar pagar excesso de peso.

8] Não tente ver o mundo em um mês. Mais vale ficar numa cidade quatro a cinco dias, que visitar cinco cidades em uma semana. Uma cidade é uma mulher caprichosa, precisa de

tempo para ser seduzida e mostrar-se completamente.

9] Uma viagem é uma aventura. Henry Miller dizia que é muito mais importante descobrir uma igreja que ninguém ouviu falar, que ir a Roma e sentir-se obrigado a visitar a Capela Sixtina, com duzentos mil turistas gritando nos seus ouvidos. Vá à capela Sixtina, mas deixe-se perder pelas ruas, andar pelos becos, sentir a liberdade de estar procurando algo que não sabe o que é, mas que – com toda certeza – irá encontrar em mudará a sua vida.

Porque deixar o homem para o sexto dia

Um grupo de sábios reuniu-se num castelo em Akbar, para discutir a obra de Deus; queriam saber por que havia deixado para criar o homem no sexto dia.

- Ele pensava em organizar bem o Universo, de modo que pudéssemos ter todas as maravilhas a nossa disposição - disse um.

- Ele quis primeiro fazer alguns testes com animais, de modo a não cometer os mesmos erros conosco - argumentou outro.

Um sábio judeu apareceu para o encontro. O tema da discussão lhe foi comunicado: “na sua opinião, por que Deus deixou para criar o homem no último dia?”

- Muito simples - comentou o sábio. - Para que, quando fossemos tocados pelo orgulho,

pudéssemos refletir: até mesmo um simples mosquito teve prioridade no trabalho Divino.

A pedra que falta

Um dos grandes monumentos da cidade de Kyoto é um jardim zen, uma superfície de areia com quinze rochas.

O jardim original tinha dezesseis rochas. Conta a lenda que, assim que o jardineiro terminou sua obra, chamou o imperador para contempla-la.

- Magnífico - disse o imperador. - E' o mais lindo do Japão. E esta é a mais bela rocha do jardim.

Imediatamente o jardineiro tirou do jardim a pedra que o imperador tanto apreciara, e jogou-a fora.

- Agora o jardim está perfeito – disse para o imperador. – Não existe nada que se sobressaia, e ele pode ser visto em toda a sua harmonia.

"Um jardim, como a vida, precisa ser visto na sua totalidade. Se nos detivermos na beleza de um detalhe, todo o resto parecerá feio."

O céu e o inferno

Um samurai violento, com fama de provocar briga sem motivo, chegou as portas do mosteiro zen e pediu para falar com o mestre.

Sem titubear, Ryokan foi ao seu encontro.

- Dizem que a inteligência é mais poderosa que a força - comentou o samurai. - Será que o senhor consegue me explicar o que é céu e inferno?

Ryokan ficou calado.

- Viu? - bradou o samurai. - Eu conseguiria explicar isso com muita facilidade: para mostrar o que é inferno, basta dar uma surra em alguém. Para mostrar o que é céu, basta deixar uma pessoa fugir, depois de ameaça-la muito.

- Não discuto com gente estúpida como você - comentou o mestre zen.

O sangue do samurai subiu a cabeça. Sua mente ficou turva de ódio.

- Isto é inferno - disse Ryokan, sorrindo. – Deixar-se provocar por bobagens.

O guerreiro ficou desconcertado com a coragem do monge, e relaxou.

- Isso é o céu – terminou Ryokan, convidando-o para entrar. – Não aceitar provocações bobas.

O reino deste mundo

Um velho ermitão foi certa vez convidado para ir até a corte do rei mais poderoso daquela época.

- Eu invejo um homem santo, que se contenta com tão pouco – comentou o soberano.

- Eu invejo Vossa Majestade, que se contenta com menos que eu - respondeu o ermitão.

- Como você me diz isto, se todo este país me pertence? - disse o rei, ofendido.

- Justamente por isso. Eu tenho a música das esferas celestes, tenho os rios e as montanhas do mundo inteiro, tenho a lua e o sol, porque tenho Deus na minha alma. Vossa Majestade, porém, tem apenas este reino.

Os ossos do ancestral

Havia um rei de Espanha que se orgulhava muito de seus ancestrais, e que era conhecido por sua crueldade com os mais fracos.

Certa vez, caminhava com sua comitiva por um campo de Aragón, onde - anos antes - havia perdido seu pai em uma batalha, quando encontrou um homem santo remexendo uma enorme pilha de ossos.

- O que você está fazendo aí? - perguntou o rei.

- Honrada seja Vossa Majestade - disse o homem santo. - Quando soube que o rei de Espanha vinha por aqui, resolvi recolher os ossos de vosso falecido pai para entregar-vos. Entretanto, por mais que procure, não consigo achá-los: eles são iguais aos ossos dos camponeses, dos pobres, dos mendigos e dos escravos.

Chame outro tipo de médico

Um poderoso monarca chamou um santo padre - que todos diziam ter poderes curativos - para ajuda-lo com as dores na coluna.

- Deus nos ajudará - disse o homem santo.
- Mas antes vamos entender a razão destas dores. Sugiro que Sua Majestade se confesse agora, pois a confissão faz o homem enfrentar seus problemas, e o liberta de muitas culpas.

Aborrecido por ter que pensar em tantos problemas, o rei disse:

- Não quero falar destes assuntos; preciso de alguém que cure sem fazer perguntas.

O sacerdote saiu e voltou meia-hora depois com outro homem.

- Eu acredito que a palavra pode aliviar a dor, e me ajudar a descobrir o caminho certo

para a cura - disse. - Entretanto, o senhor não deseja conversar, e não posso ajuda-lo. Mas eis aqui quem o senhor precisa: meu amigo é veterinário, e não costuma conversar com seus pacientes.

A parte mais perigosa

Um rei mandou reunir um grupo de sábios para decidir qual era parte mais importante do corpo. O endocrinologista afirmou que eram as glândulas, porque regulavam as funções; o neurologista disse que era o coração, porque sem ele as glândulas não funcionavam. O nutricionista garantiu que era o estômago, porque, sem alimento, o coração não tinha forças para bater.

O mais sábio de todos ouvia tudo em silêncio. Como não chegavam a nenhum acordo, quiseram saber sua opinião.

- Todas estas partes são fundamentais para a vida - disse o mais sábio. - Se faltar uma delas, o corpo morre. Entretanto, a parte mais importante não existe: é o canal imaginário que liga o ouvido a língua.

“Se este canal estiver com problemas, o homem passa a dizer coisas que não ouviu - e aí, não apenas o corpo morre, mas a alma é condenada para sempre.”

Um conto de fadas

Por volta do ano 250 a.C., na China antiga, um certo príncipe da região de Thing-Zda estava às vésperas de ser coroado imperador; antes, porém, de acordo com a lei, ele deveria se casar.

Como se tratava de escolher a futura imperatriz, o príncipe precisava encontrar uma moça em quem pudesse confiar cegamente. Aconselhado por um sábio, ele resolveu convocar todas as jovens da região, para encontrar aquela que fosse a mais digna. M

Uma velha senhora, serva do palácio há muitos anos, ouvindo os comentários sobre os preparativos para a audiência, sentiu uma grande tristeza - pois sua filha alimentava um amor secreto pelo príncipe.

Ao chegar em casa e relatar o fato à jovem, espantou-se ao ouvir que ela também pretendia comparecer

A senhora ficou desesperada:

- Minha filha, o que você fará lá? Estarão presentes apenas as mais belas e ricas moças da corte. Tire esta idéia insensata da cabeça! Eu sei que você deve estar sofrendo, mas não transforme o sofrimento em uma loucura!

E a filha respondeu:

- Querida mãe, não estou sofrendo e muito menos fiquei louca; sei que jamais poderei ser a escolhida, mas é minha oportunidade de ficar pelo menos alguns momentos perto do príncipe, isto já me torna feliz – mesmo sabendo que meu destino é outro.

À noite, quando a jovem chegou ao palácio, lá estavam efetivamente todas as mais belas moças, com as mais belas roupas, as mais belas jóias, e dispostas a lutar de qualquer jeito pela oportunidade que lhes era oferecida.

Cercado de sua corte, o príncipe anunciou o desafio:

- Darei para cada uma de vocês uma semente. Aquela que, dentro de seis meses, me trazer a flor mais linda, será a futura imperatriz da China.

A moça pegou a sua semente, plantou-a num vaso, e como não tinha muita habilidade nas artes da jardinagem, cuidava terra com muita paciência e ternura - pois pensava que, se a beleza das flores surgisse na mesma extensão de seu amor, ela não precisava se preocupar com o resultado.

Passaram-se três meses e nada brotou. A jovem tentou um pouco de tudo, falou com lavradores e camponeses – que ensinaram os mais variados métodos de cultivo – mas não conseguiu nenhum bom resultado. A cada dia sentia-se mais longe o seu sonho, embora o seu amor continuasse tão vivo como antes.

Por fim, os seis meses se esgotaram, e nada nasceu em seu vaso. Mesmo sabendo que nada tinha para mostrar, estava consciente de seu esforço e dedicação durante todo aquele tempo, de modo que comunicou a sua mãe que

retornaria ao palácio, na data e hora combinadas. Secretamente, sabia que este seria seu último encontro com o bem-amado, e não pretendia perde-lo por nada neste mundo.

Chegou o dia da nova audiência. A moça apareceu com seu vaso sem planta, e viu que todas as outras pretendentes tinham conseguido bons resultados: cada uma tinha uma flor mais bela do que a outra, das mais variadas formas e cores.

Finalmente vem o momento esperado: o príncipe entra e observa cada uma das pretendentes com muito cuidado e atenção. Após passar por todas, ele anuncia o resultado - e indica a filha de sua serva como sua nova esposa.

Todos os presentes começam a reclamar, dizendo que ele escolheu justamente aquela que não tinha conseguido cultivar nenhuma planta.

Foi então que, calmamente, o príncipe esclareceu a razão do seu desafio:

- Esta foi a única que cultivou a flor que a tornou digna de se tornar uma imperatriz: a flor

da honestidade. Todas as sementes que entreguei eram estéreis, e não podiam nascer de jeito nenhum.

(Adaptado de uma história enviada por Maria Emilia Voss)

O casal que sorria (Londres, 1977)

Eu era casado com Cecília Macdowell, e - num período em que havia decidido largar tudo que não me dava entusiasmo - fomos morar em Londres. Vivíamos no segundo andar de um pequeno apartamento em Palace Street, e tínhamos muita dificuldade em fazer amigos. Todo noite, porém, um casal jovem, saindo do pub ao lado, passava diante de nossa janela e acenava, gritando, para que descêssemos.

Eu ficava preocupadíssimo com os vizinhos; jamais descia, fingindo que não era comigo. Mas o casal repetia sempre a gritaria, mesmo quando ninguém estava na janela.

Certa noite, desci e reclamei do barulho. Na mesma hora, o riso dos dois transformou-se em tristeza; pediram desculpas, e foram embora.

Então, naquela noite me dei conta que, embora buscasse amigos, estava mais preocupado com “o que os vizinhos vão dizer”.

Resolvi que na próxima vez eu os convidaria para subir e beber algo conosco. Fiquei uma semana inteira na janela, na hora que costumavam passar, mas não apareceram. Passei a freqüentar o pub, na esperança de vê-los, mas o dono não os conhecia.

Coloquei um cartaz na janela, escrito “Chamem novamente”. Tudo que consegui foi que um bando de bêbados, certa noite, comessem a gritar todos os palavrões possíveis, e a vizinha – com quem eu tanto me preocupara – terminasse reclamando com o proprietário.

Nunca mais os vi.

A busca da diferença

Você sabe exatamente onde está agora? Você está numa cidade, junto com muita gente, e neste momento existe uma grande chance de várias pessoas abrigarem em seus corações as mesmas esperanças e desesperanças que você abriga.

Vamos adiante: você é um pontinho microscópico na superfície de uma bola. Esta bola gira em torno de outra, que por sua vez está localizada num cantinho de uma galáxia, junto com milhões de bolas semelhantes.

Esta galáxia faz parte de algo chamado Universo, cheio de gigantescos aglomerados estelares. Ninguém sabe exatamente onde começa e onde termina o que chamam de Universo.

Mesmo assim, você é o máximo; luta, se esforça, e tenta melhorar, tem sonhos, fica

alegre ou triste por causa do Amor. Se você não estivesse vivo, algo ia estar faltando.

A seguir, algumas histórias sobre o nosso direito de sermos únicos. E isto me leva à seguinte história:

Um carpinteiro e seus auxiliares viajavam pela província de Qi, em busca de material para construções. Viram uma árvore gigantesca; cinco homens de mãos dadas não conseguiam abraçá-la, e seu topo era tão alto que quase tocava as nuvens.

- Não vamos perder nosso tempo com esta árvore - disse o mestre carpinteiro. - Para cortá-la, demoraremos muito. Se quisermos fazer um barco, ele afundará, de tão pesado o seu tronco. Se resolvermos usá-la para a estrutura de um teto, as paredes terão que ser exageradamente resistentes.

O grupo seguiu adiante. Um dos aprendizes comentou:

- É uma árvore tão grande e não serve para nada!

- você está enganado – disse o mestre carpinteiro. - Ela seguiu seu destino a sua maneira. Se fosse igual às outras, nós já a teríamos cortado. Mas porque teve coragem de ser diferente, permanecerá viva e forte por muito tempo.

Quero ser um anjo

O abade João Pequeno pensou: “ estou cansado de ser um homem como os outros, preciso ser igual aos anjos, que nada fazem, e vivem contemplando a glória de Deus”. Naquela noite, abandonou o mosteiro de Sceta e foi para o deserto.

Uma semana depois, voltou para o convento. O Irmão Porteiro escutou-o bater na porta, e perguntou quem era.

- Sou o abade João - respondeu. - Estou com fome.

- Não pode ser - disse o Irmão Porteiro. - O abade João está no deserto, se transformando em anjo. Já não sente mais fome, e não precisa trabalhar para sustentar-se.

- Perdoa meu orgulho - respondeu o abade João. - Os anjos ajudam a humanidade; este é o

trabalho deles, e por isso não precisam comer, apenas contemplar

“Mas eu sou um homem. A única maneira de contemplar esta mesma glória é fazendo o que os anjos fazem – ajudando meu próximo. O jejum não adianta nada.”

Ouvindo o gesto de humildade, o Irmão Porteiro tornou a abrir a porta do convento.

Qual o melhor exemplo

Perguntaram a Dov Beer de Mezeritch:

- Qual o melhor exemplo a seguir? O dos homens piedosos, que dedicam sua vida a Deus sem perguntar por que? OU o dos homens cultos, que procuram entender a vontade do Altíssimo?

- O melhor exemplo é a criança - respondeu Dov Beer.

- A criança não sabe nada. Ainda não aprendeu o que é a realidade! - foi o comentário geral.

- vocês estão muito enganados, porque ela possui quatro qualidades que nunca devíamos nos esquecer. Está sempre alegre sem razão. Está sempre ocupada. Quando deseja qualquer coisa, sabe exigí-la com insistência e determinação. Finalmente, consegue parar de chorar muito rápido.

A importância do bosque

- Todos os mestres dizem que o tesouro espiritual é uma descoberta solitária. Então por que estamos juntos? - perguntou um dos discípulos ao mestre sufi Nasrudin.

- Vocês estão juntos porque um bosque é sempre mais forte que uma árvore solitária - respondeu Nasrudin - O bosque mantém a umidade do ar, resiste melhor a um furacão, ajuda o solo a ser fértil.

“Mas o que faz uma árvore forte é a sua raiz. E a raiz de uma planta não pode ajudar outra planta a crescer”.

“Estar juntos no mesmo propósito, e deixar que cada um cresça a sua maneira, este é o caminho dos que desejam comungar com Deus”.

A melodia divina

Zaki escutou o Xá perguntando a seus amigos qual era a mais bela melodia na Terra.

- O som da flauta – disse um.

- O canto dos pássaros – respondeu outro.

- A voz de uma mulher – comentou o terceiro.

Conversaram a noite inteira, sem chegar a qualquer conclusão.

Dias depois, Zaki convidou o Xá e seus amigos para jantar. No salão, a melhor orquestra do mundo tocou lindas canções, mas não havia comida na mesa. Perto de meia-noite, quando todos Zaki serviu um refinado banquete.

- Que som divino é o tilintar de pratos e talheres, depois de tantas horas sem comer - comentou o Xá.

- Estou respondendo sua pergunta sobre a mais bela melodia da terra - respondeu Zaki. - Pode ser a voz da mulher amada, o canto dos pássaros, o tilintar de pratos, a respiração da pessoa querida; Mas sempre será o som que nosso coração precisa escutar naquele momento.

Como um dos livros mais importantes do mundo foi escrito

No 23º ano do reinado de Zhao, Lao Tsu percebeu que a guerra terminaria por destruir o lugar onde vivia. Como havia passado anos meditando sobre a essência da vida, sabia que em certos momentos é preciso ser prático. Resolveu, pois, tomar a decisão mais simples: mudar-se.

Pegou seus poucos pertences, e seguiu em direção a Han Keou; na porta de saída da cidade, encontrou um guarda.

- Onde está indo tão importante sábio? – perguntou o guarda.

- Para longe da guerra.

- Não pode partir assim. Eu gostaria muito de saber o que foi que aprendeu em tantos anos de meditação. Só o deixarei partir se dividir comigo o que sabe.

Apenas para se livrar do guarda, Lao Tsu escreveu ali mesmo um pequeno livrinho, cuja única cópia lhe entregou. Depois, continuou sua viagem, e nunca mais se ouviu falar dele.

O texto de Lao Tsu foi copiado e recopilado, atravessou séculos, atravessou milênios, e chegou até o nosso tempo. Chama-se "Tao Te King", está publicado em português por várias editoras, e é uma leitura imperdível. Aqui vai uma de suas páginas:

Aquele que conhece os outros é sábio

Aquele que conhece a si mesmo é iluminado.

Aquele que vence os outros é forte

Aquele que vence a si mesmo é poderoso

Aquele que conhece a alegria é rico.

Aquele que conserva seu caminho tem vontade.

Seja humilde, e permanecerás íntegro.
Curva-te, e permanecerás ereto.
Esvazia-te, e permanecerás repleto.
Gasta-te, e permanecerás novo.

O sábio não se exhibe, e por isso brilha.
Ele não se faz notar, e por isso é notado.
Ele não se elogia, e por isso tem mérito.
E porque não está competindo, ninguém
no mundo pode competir com ele.

Entre a fé e a oração

- Há algo mais importante que a oração? - perguntou o discípulo ao mestre.

O mestre pediu que o discípulo fosse até um arbusto próximo e cortasse um ramo. O discípulo obedeceu.

- A árvore continua viva? - perguntou o mestre.

- Tão viva como antes.

- Então vá até lá e corte a raiz.

- Se eu fizer isto, a árvore morrerá.

- As orações são os ramos de uma árvore, cuja raiz se chama Fé - disse o mestre. - Pode existir fé sem oração, mas não pode existir oração sem fé.

Não aceitar as pequenas faltas

O mestre pediu aos seus discípulos que conseguissem comida. Estavam viajando, e não conseguiam se alimentar direito.

Os discípulos voltaram no final da tarde. Cada um trazia o pouco conseguido através da caridade alheia: frutas já podres, pães duros, vinho azedo.

Um dos discípulos, porém, trazia uma saca de maçãs maduras.

- Sempre farei sempre todo o possível para ajudar meu mestre e meus irmãos - disse ele, dividindo as maçãs com os outros.

- Onde você arranjou isto? - perguntou o mestre.

- Tive que rouba-las. Só queria me dar alimentos velhos, mesmo sabendo que pregamos a palavra de Deus.

- Pois vá embora com suas maçãs, e não volte nunca mais - disse o mestre. – Os fins nunca justificam os meios, por mais nobres que sejam. Aquele que hoje rouba por mim, amanhã terminará roubando de mim.

O caminho do tigre

O homem caminhava pela floresta quando viu uma raposa aleijada. "Como ela se alimenta?", pensou. Neste momento, um tigre se aproximou, com um animal entre os dentes. Saciou sua fome, e deixou o que havia sobrado para a raposa.

"Se Deus ajuda a raposa, irá me ajudar também", refletiu. Voltou para sua casa, trancou-se, e ficou esperando que os Céus lhe dessem comida.

Nada aconteceu. Quando já estava ficando fraco demais para sair e trabalhar, um anjo apareceu.

- Por que você resolveu imitar a raposa aleijada? - perguntou o anjo. - Levante-se, pegue suas ferramentas, e siga o caminho do tigre!

O controle absoluto

Cada ser humano sabe a melhor maneira de estar em paz com a vida; alguns precisam de um mínimo de segurança, outros se entregam ao risco sem medo. Não existem formulas para viver o próprio sonho – cada um, ao escutar seu próprio coração, saberá a melhor maneira de agir.

O escritor americano S.Anderson sempre foi indisciplinado, e só conseguia escrever movido por sua própria rebeldia. Seus primeiro editores, preocupados com a situação de miséria que Anderson vivia, resolveram enviar um cheque semanal como adiantamento de sua próxima novela.

Depois de um mês, receberam a visita do escritor – que devolveu todos os cheques.

- Faz tempo que não consigo escrever uma linha - disse Anderson. - Para mim, é

impossível trabalhar com a segurança financeira
me olhando do outro lado da mesa.

Acreditando sem ver

Um imperador disse ao rabino Yeoschoua ben Hanania:

- Eu gostaria muito de ver o vosso Deus.

- É impossível - respondeu o rabino.

- Impossível? Então, como posso confiar minha vida a Alguém que não posso ver?

- Mostre-me o bolso onde tem guardado o amor por sua mulher. E deixa-me pesa-lo, para ver se é grande.

- Não seja tolo; ninguém pode guardar o amor num bolso - respondeu o imperador.

- O sol é apenas uma das obras que o Senhor colocou no universo e - no entanto - você não pode olha-lo diretamente. Tampouco pode ver o amor, mas sabe que é capaz de apaixonar-se por uma mulher ,e confiar sua vida a ela. Não lhe parece evidente que existem certas coisas em que confiamos sem ver?

O rosto oculto

Nasrudin foi até a casa de um homem rico, pedir dinheiro para obras de caridade.

Um pajem veio abrir o portão.

- Anuncie que o mullah Nasrudin esta aqui, e precisa de dinheiro para ajudar os outros - disse o sábio.

O pajem entrou, e voltou minutos depois.

- Meu senhor não está em casa.

- Então, permita-lhe que eu lhe deixe um conselho, mesmo que ele não tenha contribuído para as obras de caridade. Da próxima vez em que não estiver em casa, peça-o para não deixar o seu rosto da janela - senão as pessoas podem achar que ele está mentindo.

Vendo a si mesmo

- Quando olhar os seus companheiros, procure ver a você mesmo - disse o mestre japonês Okakura Kakuso.

- Mas isto não parece uma atitude egoísta? Se sempre ficarmos preocupados conosco mesmo, jamais veremos o que os outros têm de bom para oferecer – disse um discípulo.

- Oxalá sempre conseguíssemos ver as coisas boas nos outros – contestou Kakuso. – Mas na verdade, quando olhamos o próximo, estamos apenas procurando os defeitos. Tentamos descobrir sua maldade, porque desejamos que seja pior que nós. Nunca perdoamos aqueles que nos ferem, porque achamos que jamais seríamos perdoados. Conseguimos feri-lo com palavras duras, alegrando que o que dizemos é verdade – quando estamos apenas tentando esconder a

nós mesmos. Nos refugiamos no orgulho, para que ninguém possa ver nossa fragilidade.

“Por isso, sempre que estiver julgando o seu irmão, tenha consciência de que é você quem está no tribunal.”

Contemplando o perigo

O discípulo disse ao mestre:

- Tenho passado grande parte do meu dia pensando coisas que não devia pensar, desejando coisas que não devia desejar, fazendo planos que não devia fazer.

O mestre convidou o discípulo para um passeio na floresta perto de sua casa. No caminho, apontou uma planta e perguntou se o discípulo sabia o que era.

- Beladona. Pode matar quem comer suas folhas.

- Mas não pode matar quem simplesmente a contempla. Da mesma maneira, os desejos negativos não podem causar nenhum mal – se você não se deixar seduzir por eles.

Como aprende a girafa

Minha geração foi (bem) alimentada com as biografias escritas por Irving Stone, retratando homens como Michelangelo, Van Gogh ou Charles Darwin. Quando lhe perguntaram se havia algum traço que unisse estas pessoas, Stone respondeu:

“ A maioria deles foi atacada, derrotada, insultada, e por muitos anos não chegou a lugar nenhum. Entretanto, cada vez que caíam por terra, tinham capacidade de recuperar-se e tentar de novo. Os grandes gênios são aqueles que nunca deram ao inimigo o poder de destruí-los.”

O comentário de Stone fez um amigo meu lembrar-se de “A View from the Zoo”, um interessantíssimo livro onde Gary Richmond traça paralelos entre o comportamento animal e humano. Em uma de suas mais agudas

observações, está a descrição do processo de nascimento de uma girafa.

Para começar, o bebê despenca de uma considerável altura, batendo com toda força no solo. A mãe, com seu longo pescoço, move-se um pouco para o lado, e vê que a cria se debate para colocar-se de pé. Imediatamente, ela estende sua longa pata, e dá um chute não muito delicado, de modo que a girafinha termina rolando sobre si mesma. Vários chutes são dados, até que, já cansada, a recém-nascida consegue finalmente levantar-se, de modo a fugir daquele comportamento agressivo.

Neste momento, ao invés de ficar orgulhosa, a mãe tem uma atitude estranha: de novo chuta a sua cria, que cai e torna a levantar-se mais depressa.

Por que? Ela quer que a girafinha aprenda rápido que irá viver em um mundo cheio de leões, hienas, leopardos, caçadores.

Se não aprende logo a levantar-se quando cai, jamais irá poder desfrutar a vida que tem pela frente.

Num bar em Buenos Aires

Estou com a escritora venezuelana Dulce Rojas, tomando um café em Buenos Aires; discutimos sobre a idéia da paz, que tem andado muito distante do coração humano. Dulce então me conta a seguinte história:

Um rei ofereceu um grande prêmio para o artista que melhor pudesse retratar a idéia da paz. Muitos pintores enviaram seus trabalhos ao palácio, mostrando bosques ao entardecer, rios tranqüilos, crianças correndo na areia, arco-íris no céu, gotas de orvalho em uma pétala de rosa.

O rei examinou todo o material que lhe foi enviado, mas terminou selecionando apenas dois trabalhos.

O primeiro mostrava um lago tranqüilo, espelho perfeito das montanhas poderosas e do

céu azul que o rodeava. Aqui e ali se podiam ver pequenas nuvens brancas, e, para quem reparasse bem, no canto esquerdo do lago existia uma pequena casa, a janela aberta, a fumaça saindo da chaminé – o que era sinal de um jantar frugal, mas apetitoso.

O segundo quadro também mostrava montanhas. Mas estas eram escabrosas, os picos afiados e escarpados. Sobre as montanhas o céu estava implacavelmente escuro, e das nuvens carregadas saiam raios, granizo e chuva torrencial.

A pintura estava em total desarmonia com os outros quadros enviados para o concurso. Entretanto, quando se observava o quadro cuidadosamente, notava-se numa fenda da rocha inóspita, um ninho de pássaro. Ali, no meio do violento rugir da tempestade, estava sentada calmamente uma andorinha.

Ao reunir sua corte, o rei elegeu esta segunda pintura como a que melhor expressava a idéia da perfeita paz.

E explicou:

- Paz não é aquilo que encontramos em um lugar sem ruídos, sem problemas, sem trabalho duro, mas o que permite manter a calma em nosso coração, mesmo no meio das situações mais adversas. Este é o seu verdadeiro e único significado.

